

FRANCISCO ALBINO

Capitão do BENFICA

(Foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 26 / 2 de Junho de 1943



o clube e o país

A FESTA de despedida de Adolfo Mourão é um tema excelente para comentários de vária ordem. Não há dúvida de que foi merecida. Adolfo Mourão tem sido um jogador de recursos invulgares. Tinha portanto direito a uma festa de homenagem e saúde, no momento da sua despedida.

Tudo correu bem. Mas surgiu uma dúvida quanto ao reflexo que ela deve ter na actividade desportiva de Mourão. Pô-la, o Sporting, na legenda do brinde que lhe ofereceu. E podemos pô-la novamente, assim: Homenagem? Despedida? Homenagem, sim. Despedida, não!

É este o problema que nos interessa. Um artista do futebol como Adolfo Mourão, um grande atleta em qualquer outro desporto, terá apenas responsabilidades consigo mesmo? Poderá dispôr livremente de si? Terá o direito de renunciar quando que?

Eis o problema, pôsto, aliás — noutras actividades nacionais. Pode uma pessoa renunciar de per si, por fraqueza, por desânimo, ou por qualquer outra razão, a uma actividade que interessa também e profundamente ao meio em que vive?

A primeira resposta é naturalmente negativa. O homem não pode perder nunca a noção do valor da sua cooperação relativamente ao caracter social da sua obra. O atleta, por exemplo, não vive exclusivamente para si. Tem responsabilidades contraídas com o clube a que pertence, com as regiões em que vive e com o seu próprio país, evidentemente conforme a craveira dos seus recursos.

Encontra-se o atleta em condições para saber quando deve sair, se quer sair a tempo, antes de começar o declínio. E está também nas melhores condições para saber se a sua vida e a sua saúde lhe permitem cuidar da forma que é necessária para que os recursos brilhem. Mas deve pensar ao mesmo tempo na falta que pode fazer às entidades a que tem prestado a sua colaboração — clube, associação regional e federação do país.

Não sabemos que efeito poderão produzir, no ânimo de Adolfo Mourão, as exortações para que não abandone ainda o futebol. Mas sabemos que a resolução de continuar será recebida com agrado — por todos quantos o apreciam como jogador de magníficos recursos.

POR parte da «Mocidade Portuguesa», bem como da «Brigada Naval» da Legião Portuguesa, tem-se feito esforçada, oportuna e inteligente propaganda dos desportos náuticos. Todos os desportos de mar e rio têm merecido boa e numerosa propaganda de ambos os organismos. É, pois, justo pôr em relevo o esforço desenvolvido a favor dos citados desportos.

A animação do Tejo, em algumas tardes, é por vezes muito lisongeira.

APROXIMA-SE o verão. Saimos, assim, dos desportos de inverno — para os desportos próprios da quadra estival. O futebol, o desporto mais popular em toda a parte, vai cedendo o seu lugar. Não há certamente a mesma vibração popular, por isso que nem todos despertam a atenção ou interesse do grande público. Mas é maior a variedade.

Domingo a domingo, disputam-se as provas mais diversas, nas modalidades mais diferentes. O atletismo de pista fez já a sua aparição. O remo teve algumas jornadas brilhantes. E a natação começa a movimentar-se. O ar do mar refresca...

TEVE bastante interesse a entrevista concedida pelo jogador Rui de Araújo aos nossos camaradas portugueses da «Stadium». Por esse país fora vão-se infiltrando alguns antigos jogadores da capital. Rui de Araújo tornou a Braga. A primeira passagem por ali deixou-lhe por certo saudades.

Uma das saudades talvez seja a dos clubes de Lisboa. Passou do União para o Sporting, num período de crise para Lisboa. E teve agora de voltar — à provincia. A idade não perdôa... Mas essa idade pode ainda ser útil — aos mais novos.

É frequente encontrar nos jornais espanhóis referências a jogadores extraordinários. Mas um dos lugares onde mais aparece gente nova de grande futuro é no difícil posto de avançado-centro. Abundam por Espanha jogadores para o lugar onde mais faltam nos clubes portugueses. No país vizinho deve ser difícil escolher o centro do ataque para as seleções nacionais — mas por excesso...

No jogo Atlético Aviação-Real Sociedad a que nos referimos noutro comentário, houve mais uma revelação — Tallavuel. Não é avançado-centro de tipo etano. Dizem que foi uma maravilha — de mobilidade. Lembra Gaspar Rúbio.

O «Diário de Notícias» publicou há dias, em editorial, um excelente artigo do ilustre aviador militar capitão Humberto Delgado, acerca do valor do «Espírito Desportivo» na Paz e na Guerra.

As dificuldades de espaço com que lutamos não nos permitem fazer algumas transcrições do artigo em referência. Esclarecemos, entretanto, que o distinto aviador se refere em especial ao valor do espirito de equipa.

ANO XI — Lisboa, 2 de Junho de 1943 — II SÉRIE-N.º 26

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOSPropriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS LDA.Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOAGravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Barreirense tem apresentado períodos de crise, como outros clubes. E, como noutras colectividades, as crises têm sido algumas vezes consequência da saída de jogadores. Este ano, ressentiu-se, no campeonato distrital de Setúbal, da transferência de Rebelo para o Unidos de Lisboa. Fêz-lhe falta o antigo interior direito.

Antes de ganhar o campeonato da II Divisão começou a falar-se da saída de um outro jogador para determinado clube da capital. Mais uma dificuldade a vencer!

NUM dos últimos jogos para a taça do «Generalissimo», que corresponde, nas suas linhas gerais, à nossa «Taça de Portugal», o Atlético Aviação, de Madrid, teve uma tarde manifestamente desafortunada. Logo nas primeiras jogadas perdeu o concurso de Arencibia, interior direito. A um quarto do final do encontro, azeitejou-se outro jogador — Jimenez.

Mesmo assim, venceu por 4-2, não obstante ter por adversário a Real Sociedad, de San Sebastian, que tem uma equipa de certo valor. É preciso dispôr de grande espirito desportivo para se vencer tanta adversidade! Deve ser uma das vitórias mais brilhantes — num passado em que hó por certo muita proeza de valor!

DEMOS já à festa de Adolfo Mourão o relevo que lhe era devido. Foi uma festa simpática até mesmo como evocação de outros tempos, de outras épocas, de quando havia certamente mais dedicação pelo clube e mais entusiasmo pelo desporto.

A recordar o passado glorioso dos «leões», estiveram em campo jogadores que talvez tenham esquecido um pouco. Lembremos alguns: Jorge Vieira, defesa dos melhores de todos os tempos e árbitro internacional; Henrique Portela, um filigranas mas sempre útil; Jaime Gonçalves, avançado que era sempre perigoso pela surpresa e pela força do remate; João Francisco, voluntarioso, batendo-se com um entusiasmo que não fraquejava; e Martinho de Oliveira, brilhante a médio ou à defesa. Podíamos lembrar outros nomes. Mas a lista assim já é sugestiva.

ENTRE os nadadores faz-se, anualmente, organizado pela respectiva federação nacional, um festival que inclui provas reservadas a veteranos e da velha guarda. No ciclismo, organizam-se, com regularidade, em pista e estrada, provas para veteranos. Ano a ano, é possível vêr novamente em luta atletas que são algumas vezes glórias do passado.

Porque não se faz o mesmo em futebol? Anotemos, todavia, que já tem havido algumas iniciativas coroadas do melhor êxito. Recordamos, por exemplo, um desafio disputado no actual campo do Benfica, a favor de um atleta falecido em plena mocidade — Francisco Padinha.

É digna de elogio e registo a carreira do Futebol Clube Barreirense no campeonato nacional da II Divisão. Afastado da I Divisão pela melhor classificação do Unidos do Barreiro no campeonato regional, portou-se depois com galhardia, batendo todos os adversários que lhe calharam na série de quartos de finais e meio-finais. O Sanjoanense, com que se encontrou na final, mostrou-se adversário valeroso. Mas foi batido por 6-1, ou seja por um «score» que não dá margem para dúvidas.

Ao Barreirense, as nossas felicitações.

NOS jornais espanhóis, encontramos, há dias, um resultado catastrófico, segundo o termo corrente em desporto. O Sindicato Espanhol Universitário de Madrid, num encontro para o Campeonato de Espanha de Rugby, bateu o seu colega de Cadiz pela bagatela de 62-0!

Fala-se, às vezes, de resultados desnivelados, em futebol. Mas este de 62-0 em «rugby» não deve andar longe de «record»...

DESPORTO E TURISMO

Brilhante palestra do sr. Guilherme Cardim, director da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol

Nas comemorações do quarto aniversário do grupo Desportivo Estoril Praia, o sr. Guilherme Cardim, illustra director da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, proferiu uma brilhante palestra sobre «Desporto e Turismo», que a seguir reproduzimos na integra com a devida vénia ao seu autor.

TROCANDO impressões, há dias, sobre esta palestra que venho aqui fazer, alguém me chamou a atenção para páginas admiráveis do livro «John Bull», do grande escritor Ramalho Ortigão, em que se faz a apologia dos desportos e da educação física, mostrando como a grandeza da Inglaterra se deve principalmente ao vigor físico da raça.

Achei inteiramente apropriada a sugestão, tanto mais que, pensando falar sobre desportos e turismo, vinha também a propósito destacar a paixão dos ingleses pelas viagens, a sua insaciável curiosidade de ver terras, de admirar monumentos e contemplar paisagens. Todos nós conhecemos caricaturas do clássico turista inglês, homem ou mulher, de binóculo a tiracolo, um Kodak na mão, o Baedeker debaixo do braço e uns grandes óculos encavalitados a meio do nariz. É assim, pelo menos, que a caricatura nos mostra o inglês em toda a parte: nos jardins de Versalhes ou nas ruas de Atenas; em frente da muralha de Peking ou nas ruínas históricas da velha Roma imperial; a caminho das pirâmides do Egipto, montado em camelos, ou trepando aos picos nevados dos Alpes; passeando nas praças de Jerusalém ou deslizando em sumptuosos automóveis pelas ruas e avenidas de Nice, Cannes ou Monte-Carlo. E sempre ouvindo atentamente a longa-lenga monótona dos cicerones, que lhe fornecem num breve espaço de tempo meia dúzia de sólidas noções sobre a arte e a história, costumes e tradições dos povos.

A caricatura é uma deturpação risonha da verdade. O turista inglês não usa, em regra, a indumentária grotesca que os caricaturistas teimam atribuir-lhe. Todos nós o conhecemos das suas longas permanências na região dos Estoril, e sabemos como é conciliante a sua paixão pelo desporto e a sua natural curiosidade de viajante com a mais impecável distinção de maneiras. Enverga com o mesmo arumo o fato de golf ou a casaca em noites de gala.

Mas a verdade da caricatura consiste em mostrá-lo nas suas infatigáveis andanças pelo mundo, fortalecendo a sua cultura com os ensinamentos vivos que outros povos e civilizações diferentes podem fornecer-lhe, e assim adquirindo um cabedal de experiência e de idéias praticas que muito tem contribuído para o equilíbrio do vasto e poderoso Império Britânico. Eis um forte exemplo da prática de desportos e turismo.

Mas afastei-me, falando do turista inglês, do proposito de recordar as páginas que Ramalho Ortigão escreveu. Nos trechos que vou ler não falta o comentário espirituoso e cintilante que saía tão freqüentemente da pena do grande escritor.

Escreve Ramalho Ortigão:

«Os jogos atléticos constituem a secção culminante no programa de todos os estabelecimentos de instrução elemental, de instrução secundária e de instrução superior. Os jardins, os prados, os parques, os rios ou os lagos que rodeiam todos os grandes edificios de liceus ou de universidades não são unicamente um aforoseamento de paisagem; são como as próprias aulas uma necessidade de instalação pedagógica para a larga vida muscular, a todo o tempo, ao sol, ao frio, à chuva e à neve.

No cricket a bola acaba por ser repelida

com um tal impeto que estabela de pernas ao ar qualquer que tente apará-la sem a firmeza e a elasticidade que dá o hábito de tal jogo.

No tennis, em que os movimentos destinados a alcançar a bola põem em jogo harmónico, perfeitamente compensado, todo o sistema muscular, há jogadores que persistem no terreno horas consecutivas, uma tarde inteira, pulando para diante e para traz, para a direita e para a esquerda, curvando-se, dobrando-se pelos rins, rompendo a fundo como na esgrima, encolhendo-se como a nado, guinando como na patinagem, pranchando-se e distendendo-se à máxima elasticidade que comportam as molas do maquinismo humano forçadas pela maior pressão que lhe possa imprimir a energia da vontade».

Compara depois os hábitos da educação inglesa com o que se passava nas nossas escolas. E Ramalho Ortigão escreve mais:

«O emprego dado pela academia de Coimbra ao tempo de um dia feriado é uma coisa desastrosa.

Deixamos perder a tradição nos nossos antigos jogos atléticos — a pela, a bola, a barra, as canas, a argolinha, o pato, a malha, a carreira — e não os substituímos por nenhum exercício correspondente. Não há uma carreira de tiro, nem uma sala de armas, nem um parque de gymnástica. Os estudantes não cultivam a equitação nem a natação. Não fazem excursões a pé, de mochila às costas, não remam, não caçam, não pescam, não esgrimem, não atiram ao alvo. Nos dias feriados ficam na cama até ao meio dia — ou até à noite. Fumam, lêem romances ou livros de versos; alguns fazem música; em duas ou três casas há um piano; noutras canta-se apenas a guitarra».

Termina o capítulo do seu livro salientando que do abandono dos desportos e da vida a que se entregavam então os estudantes portugueses resulta o empobrecimento das gerações e a decadência das raças, determinada pela falta de vigor físico e pelo cansaço quasi permanente do sistema nervoso, deploravelmente revel do no tédio da vida, na preguiça cerebral, na dificuldade de acção, no atrofiamento da coragem, na diminuição da vontade. E certo é que, na rude peleja da concorrência social, a vitória cabe sempre, mais cedo ou mais tarde, ao homem ou povo que primeiro se determina, que mais depressa se resolve e mais fortemente persiste.

Recordando ainda as palavras do grande es-

critor, é indispensavel dizer que uma grande transformação se operou nos hábitos e na vida da gente portuguesa. Estamos longe do tempo em que as praias de Pedrouços, Belem e Algé quasi satisfiziam as necessidades de banhos e veraneios da população lisboeta. Em Coimbra há men-s serenatas pelas margens do Mondego, e as tricenas já não despertam paixões tão violentas no coração dos estudantes. O foot-ball impôs os seus direitos no meio académico, e as competições daquele desporto entusiasmarão muito mais a população da cidade que as trovadas dos poetas a ecoar, em noites luarentas, pelos retiros discretos do Choupal.

Como prova da salutar modificação que se operou em Portugal em matéria de desporto e educação física, é exemplo frisante e decisivo a organização da «Mocidade Portuguesa». As suas demonstrações de gymnástica têm sido um espectáculo inolvidável, pela precisão dos movimentos, beleza de atitudes, afirmação de disciplina e força. É uma geração que nasce para as lutas da vida mais bem dotada que a do tempo de Ramalho, em que se fugia do ar livre e dos banhos com medo das constipações.

Os exercícios da «Legião Portuguesa» contribuem, por sua vez, para fortalecer e revigorar o organismo. Ho nens de todas as idades e condições sociais marcham garbosamente pelas ruas de Lisboa, a caminho dos seus quartéis ou dos locais onde vão treinar se, para o cumprimento consciente dos deveres e obrigações que contraíram.

As massas populares entregam-se hoje com delírio à paixão do foot-ball. Há desafios que assumem a feição de grandes acontecimentos nacionais, levando os mais ferrenhos partidários dos clubes a exaltações impulsivas que contrastam singularmente com a apatia e o ar adormecido que caracterizavam a vida portuguesa naqueles tempos. O consumo da tintura de arca, que se apontava como uma consequência gloriosa da desenvoltura física de estudantes ingleses e alemães, também deve ter aumentado nos últimos tempos em Portugal, mercê da paixão desportiva que absorve, felizmente, as grandes massas populares.

As entidades que se consagram ao turismo nacional ou estrangeiro devem colocar em primeiro plano o desenvolvimento do desporto, reconhecendo que é constituido um elemento essencial ao turismo, na mais alta significação desta palavra.

A fundação do grupo desportivo «Estoril Plage» obedeceu à compreensão dessa verdade. Uma estância de turismo como o Estoril não podia dispensar-se de possuir o seu grupo desportivo. É justo afirmar que é tem cumprido amplamente a sua missão, criando interesse e entusiasmo em torno dos seus empreendimentos e das competições em que toma

(Conclue na pág. 6)

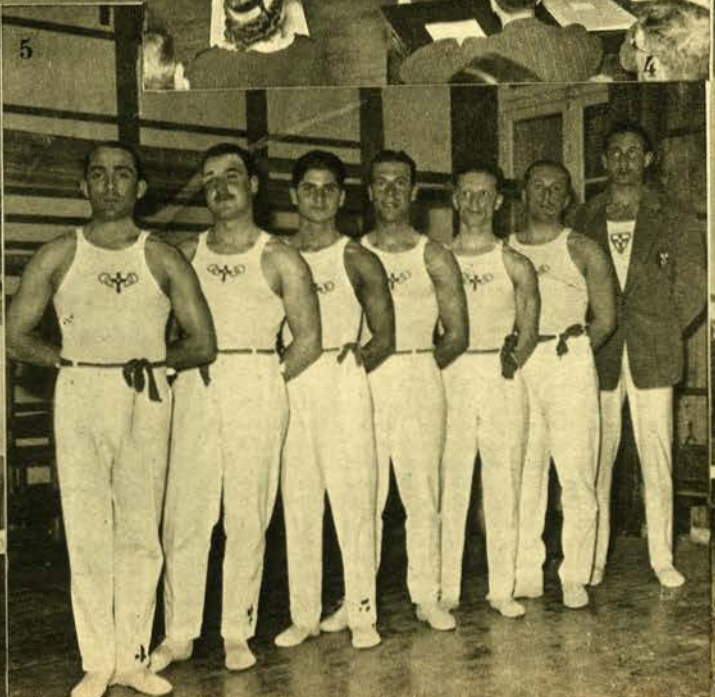


O sr. Guilherme Cardim lendo a palestra



A SEMANA DE GIMNASTICA DO G. C. P.

Aspectos colhidos durante as exibições das classes de senhoras do Ginásio Club (1) e do Lisboa Ginásio (2); de meninas da F. N. A. T. (3) e do Campo de Ourique (4); e a representação do Sport Clube do Porto (5)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



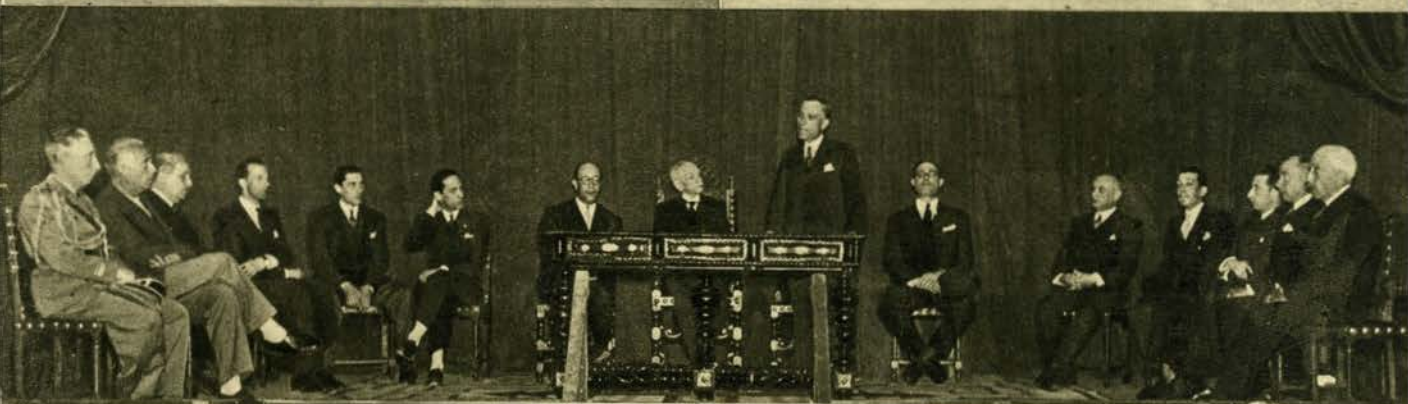
O grupo do Belenenses, campeão de Lisboa de "hand-ball".



Uma fase do jogo entre o Avenida Palace e o Hotel Europa, que acabou com o empate de 1-1



O "onze" do Avenida Palace que se afirmou o melhor no torneio inter-hotéis



O aniversário do G. D. Estoril Praia: A sessão solene presidida por S. Ex.º o sr. general Carmona e a apresentação da classe de ginástica



(Conclusão da pág. 3)

3.º Concurso Internacional da Costa do Sol

ADOLFO MOURÃO

e aos

Campeões Nacionais de Futebol

A pretexto da sua anunciada retirada das lides futebolísticas, o jogador Adolfo Mourão continua a ser alvo de várias manifestações de estima e de apreço, promovidas, agora, por diversas comissões de amigos e admiradores.

Entre as homenagens desta natureza que lhe têm sido prestadas merece, porém, destacar-se — pela categoria e pelo número de individualidades presentes — o banquete que lhe foi oferecido, num dos dias da última semana, por iniciativa de um grupo de leões, ou seja a comitiva fiel que, durante o recente campeonato nacional, acompanhou sempre o primeiro «team» do Sporting nas suas deslocações.

Assistiram cerca de cem pessoas, entre elas muitas senhoras, toda a direcção do clube, antigos dirigentes e atletas, vários elementos categorizados da colectividade e a maioria dos actuais companheiros de equipa do homenageado.

Presidiu o sr. dr. Amado de Aguiar, presidente da direcção do Sporting, que tinha à sua esquerda o homenageado e sua esposa, e à sua direita o sr. ten. Joel Pascoal, presidente da A. F. L., em representação do grémio leonino, e o nosso camarada Carlos Correia.

Foi curta a série de discursos. Falaram os srs. Isaac Sequerra, da comissão promotora do banquete, Manuel Soeiro, em nome dos companheiros de Mourão, Queiroga Tavares e os antigos jogadores Jorge Vieira e Jaime Gonçalves. Todos foram muito aplaudidos, principalmente o último, quando, numa linguagem pitoresca e com o seu jeito inconfundível, exortou os futebolistas do Sporting a que pusessem todos o seu entusiasmo na defesa da bandeira da colectividade, seguindo sempre o exemplo de Adolfo Mourão.

Falou, por fim, o sr. dr. Amado de Aguiar, com a vibração e a facilidade habituais. Fez a apologia do homenageado, sob os aspectos de desportista disciplinado, clubista dedicado e de artista da bola, e manifestou a sua esperança — e o seu desejo e da agremiação — de que o afastamento de tão famoso jogador não seja ainda definitivo. Associando ao nome deste categorizado e prestigioso futebolista o espírito do clube, brindou pelas prosperidades de um e de outro, erguendo dois «vivas», por Adolfo Mourão e pelo Sporting Clube de Portugal, que a assistência, de pé, secundou com sincero entusiasmo.

Também os jogadores do «team» de honra do popular Sport Lisboa e Benfica têm recebido inúmeras e inequívocas provas de simpatia e de admiração, a-propósito do seu recente triunfo no campeonato nacional.

Várias festas, de iniciativa particular, têm sido dedicadas aos valorosos campeões — reuniões em que o espírito clubista se manifesta com aquela vibração já tradicional.

Um jantar oferecido pelo antigo dirigente e nosso amigo sr. Joaquim Ferreira Bugalho, na sua propriedade nos arredores da capital, teve um cunho íntimo e serviu de ligação entre o passado — que recordou com certa emoção — e o presente — saudado com entusiasmo e palavras de fé num futuro progressivo e condigno.

Num dos dias da última semana também o sr. José da Costa ofereceu, num elegante restaurante da baixa, um banquete, ao qual assistiram cerca de quarenta pessoas, incluindo todos os jogadores efectivos e suplentes do grupo campeão.

Presidiu o sr. capitão Ribeiro dos Reis, presidente da assembleia geral do

parte. Certos aspectos da vida social do Estoril são hoje fortemente influenciados pela existência e pela acção do seu grupo desportivo. Já hoje se não pode conceber o seu desaparecimento. Bem pelo contrário, todos devemos trabalhar pelo seu progresso, para que a sua popularidade e o seu prestígio sejam cada vez maiores.

Mas já antes da criação do grupo desportivo «Estoril Praia», os que assumiram a tarefa de transformar o antigo Estoril numa zona privilegiada de turismo — e lembro nesta altura e mais uma vez com prazer o nome do meu, do nosso grande amigo sr. Fausto de Figueiredo — empregaram as maiores diligências para promover o gosto pelo desporto, não só facilitando e protegendo todos os empreendimentos desportivos que se ligassem ao Estoril, como criando as condições necessárias para se estabelecer nesta região um grande centro de desporto. Bastaria a construção do campo de golf, que é hoje um dos melhores da Europa, para comprovar estas palavras. Mas não foi por ali a iniciativa daquela época. Traçaram-se esplêndidos campos de tennis; construiu-se um campo de tiro aos pombos, inaugurado no ano passado, que deve ser o melhor da península; criaram-se escolas de equitação e natação; promoveram-se campeonatos internacionais de esgrima e tennis; organizaram-se concursos de pesca e festas náuticas, na compreensão de que o mar é um elemento indispensável no desporto dum região marítima; têm sido frequentes as corridas de automóveis, de ciclismo e de motocicletas.

Todos estes factos demonstram exuberantemente que está bem radicada entre nós a convicção que turismo e desporto têm de viver inteiramente associados. Não deixarei nunca de continuar contribuindo com o meu modesto esforço para que essa ligação se torne cada vez mais estreita, na firme convicção de que sirvo assim, ao mesmo tempo, os mais altos interesses do turismo, as mais justas aspirações do desporto nacional e a empresa que tenho a honra de representar — a Estoril Plage.

E para bem confirmar a minha opinião em matéria de desporto e turismo, não posso deixar de fazer uma referência, embora ligeira, às condições naturais que várias regiões do país oferecem para o turismo desportivo. Os desportos de inverno na montanha podem praticar-se na serra da Estrêla com o mesmo interesse que despertam nos píncaros nevados da Suíça. O exercício do ski já conta em Portugal bastantes adeptos. O seu número aumentará, sem dúvida, no dia em que estejam resolvidas certas dificuldades de comunicações e instalações que se notam hoje.

Em muitas regiões do país se poderia resolver a pesca desportiva. Já em 1930 se publicou um decreto cujos fundamentos assentam no princípio de que os nossos rios e lagoas representam um excelente motivo de turismo. Esse diploma pr curava conseguir o repovoamento dos rios, na intenção de proteger a pesca desportiva e estimular os seus adeptos. Os resultados obtidos não correponderam, porém, às

S. L. B., tendo tomado assento nos lugares de honra os srs. dr. Augusto da Fonseca, Francisco Retorta, José de Castilho, Vicente Paulo Martins, José Assis e José Simões, directores do clube, capitão Lusitano, presidente do conselho fiscal, e Raul de Oliveira, director do nosso colega «Os Sports».

No final do banquete, que decorreu sempre no meio de maior entusiasmo e alegria, usaram da palavra os srs. Raul de Oliveira, em nome do promotor da reunião e na sua qualidade de sócio e de jornalista, Alfredo Valadas, em nome dos jogadores, José Simões, dr. Augusto da Fonseca e capitão Ribeiro dos Reis.

A assistência não se cansou de aplaudir os oradores, os homenageados, as figuras de relêvo do clube e o nome prestigioso da colectividade.

ESTÁ marcada para a semana que decorre entre 21 e 28 de Julho a realização do Concurso Internacional de Tiro aos Pombos da Costa do Sol, que se disputa pela terceira vez. Voltarão a animar-se as magníficas instalações do alto do Goulão, inauguradas no ano passado e que foram consagradas, pelos entendidos, como do melhor que existe na península.

O montante dos prémios é de 150 contos, mais 30 do que há um ano.

A organização técnica voltará a estar a cargo do Grupo Desportivo Estoril Praia.

Com o fim de assegurar a presença das melhores «espingardas» do país vizinho, que tanta animação provocaram nos primeiros torneios, partiu há poucos dias para Espanha o sr. Artur Rebelo, presidente da direcção do referido Grupo.

No programa devem, pois, figurar a «Taça de Ouro do Estoril», ganha nos dois primeiros anos pelo campeão espanhol conde de Teba, que procurará obter, agora, o triunfo definitivo, e o «match» Portugal-Espanha, que os nossos compatriotas ganharam no verão passado, em que foi disputado pela primeira vez.

O 28.º aniversário do Dramático de Cascais e a «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio

Em comemoração do 28.º aniversário do Dramático e Sportivo de Cascais, efectuou-se uma sessão solene, na sede da colectividade, a que presidiu o sr. capitão Raposo Pessoa, presidente do Município local, secretariado por individualidades de vulto no concelho e representantes da imprensa. Vários oradores enalteceram a acção do clube. Houve depois distribuição de prémios e um baile, que decorreu animadamente.

Conseguiu anteceder e termina no sábado a «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio Clube — uma iniciativa interessante. No programa incluem-se palestras de divulgação e toma parte uma equipa do Feminino Atlético Clube, do Porto.

esperanças do legislador; no entanto, em Junho do ano passado, a Junta de Turismo de Cascais promoveu com êxito o primeiro concurso de pesca na Costa do Sol.

Além dos desportos de inverno e da pesca, ainda a caça poderá constituir um apreciável elemento de valorização turística de certas regiões.

Vou terminar esta ligeira palestra. Princípiel por mostrar, recordando palavras de Ramalho Ortigão, a influência do desporto na educação da mocidade inglesa. Afirmei que já não têm hoje razão de ser os seus mordentes comentários quanto ao desinteresse dos meios oficiais do nosso país sobre o revigoramento físico da raça. Direi agora, como observação final, que a expansão do desporto é um facto averiguado hoje em todos os países civilizados. O velho adágio latino «alma sã em corpo sã» tornou-se em toda parte o lema orientador da actividade dos governantes. O robustecimento dos organismos jovens e a sua preparação espiritual e física para as lutas da vida merecem a maior atenção das camadas dirigentes.

O que destaca, porém, a tendência desportiva do inglês é a associação que ele faz da prática do desporto com a paixão pelo turismo. O que atrai ao Estoril não é apenas a doçura do clima e a beleza da paisagem. É também os desportos que aqui se praticam e em especial o Campo do Golf.

Turismo sem desportos, a meu ver, é como uma igreja sem torre, um dia sem sol e um ser humano a quem falte um dos seus cinco sentidos.

E é assim, que de norte a sul, neste pedaço de terra abençoada, estrangeiros de todo o Mundo e todos os nacionais, ligam os desportos ao turismo numa apoteose de convicção que coloca ao nível dos países mais avançados em desportos e turismo, este País — o nosso — que se chama Portugal...»

FRANCISCO ALBINO

capitão do «team» dos campeões
faz-nos confidências...

É hoje reconhecida como incontestável a opinião de que a origem das corridas remonta às festas introduzidas pela dominação romana na Península, onde existem ainda ruínas dos circos romanos, como as de Mérida, Murviedro e Tarragona. Derrubado o domínio de Roma nas Espanhas pelas invasões dos bárbaros, os combates de feras e gladiadores caíram rapidamente em desuso, por constituírem espectáculos que se não ajustavam à índole dos novos dominadores: alanos, vândalos, suevos ou godos, todos eles originários de longínquas regiões do Norte ou do Oriente.

A invasão sarracena veio reatar em parte a tradição romana das festas de circo, substituindo os cruéis duelos de gladiadores e as sangrentas lutas de feras pela lide de touros à lança, exercícios de agilidade e dextreza, com que a flor da cavalaria muçulmana se preparava para as lutas campais do período da Reconquista.

Larga polémica se tem travado entre os mais cruidos investigadores acerca da época provável em que teria sido introduzido entre os cavaleiros cristãos o exercício sarraceno da lide dos touros à lança.

Numa poesia célebre, intitulada «Fiesta antigua de toros en Madrid», um poeta ilustre do século XVIII, Nicolás Fernandez de Moratín — pai do imortal vivificador do teatro espanhol, que nos legou a «Comedia Nueva» e o «Si de las Niñas» — atribue ao Cid Campeador a glória de ter sido o primeiro cavaleiro cristão que, para conseguir o amor de uma linda moura, deu morte à lança a um touro de extraordinária ferocidade e que acabara de vitimar alguns dos mais esforçados lidadores sarracenos.

É evidente que se não pode atribuir qualquer valor histórico à fantasia poética de Moratín. Os investigadores mais autorizados consideram a obra de Gutierrez Diez de Games, que relata as proezas praticadas em Sevilha pelo Conde Buena, como o mais antigo dos documentos fidedignos que aludem à prática do toureio à lança por um cavaleiro cristão.

Através dos últimos cinco séculos, a lide dos touros teve fases alternadas de esplendor e de decadência, conforme o maior ou menor interesse que por ela manifestavam os soberanos da Península. Dentre os reis da dinastia de Aviz, parece que foi D. Duarte, o erudito autor da «Arte de bem cavalgar toda a sela», o que mais culto lhe votou, praticando ele próprio o toureio a rojão ou lança.

O primeiro dos soberanos brigantinos citados como taurófilo é o destronado D. Afonso VI, que deixou fama de rijo pegador de touros, pois já na sua época e anteriormente os chamados «monteiros de chocas» praticavam o exercício brutal e anti-artístico dos actuais moços de forçado.

D. Miguel foi também apaixonado ardente do toureio, a cuja prática votava os ócios de Infante, na convivência de uma «entourage» pouco palaciana, em que alternavam os toureiros Roquetes e o picador Sedvem.

Em Espanha, a primeira perseguição que a tauromaquia sofreu foi a dos Reis Católicos, que chegaram a proibi-la, dando preferência às justas e torneios. Durante os reinados dos soberanos da Casa de Austria, o toureio, sempre a cavalo, foi apresentando novas modalidades, que iam preparando a sua grande transformação. A morte do touro a pé começou a ser praticada, por forma brusca e violenta, nos casos em que o cavaleiro perdia a montada, mortalmente atingida. Era um simples alarde de valentia, que não obedecia a quaisquer regras de arte. Os criados que acompanhavam a pé os cavaleiros e que freqüentemente se interpunham nos casos de risco iminente, foram os precursores dos actuais peões de brega.

J. E.

O Benfica conquistou o campeonato nacional de futebol! A vitória do nosso mais popular «team» foi alcançada com absoluto mérito. Merecidas, por isso, as homenagens ao clube campeão, sabendo vencer a mais importante prova do futebol português.



F. ALBINO FALA À «STADIUM»

Mais uma vez foram postas à prova as excepcionais qualidades de energia e de muito entusiasmo que o Benfica soube emprestar aos grandes momentos da sua actividade. Igualmente o valor da equipa ficou demonstrado ao fim das 18 jornadas do campeonato, durante o qual os «encarnados» se impuseram e confirmaram o seu valor nesta prova.

O entusiasmo de milhares de sócios e adeptos do Benfica, bem traduzido na recepção que tiveram os campeões, ao regressarem de Coimbra, enche de orgulho os onze jogadores que para ele tanto contribuíram.

Francisco Albino — um bom nome do futebol português e muito popular no seu clube — deve ser dos que mais intimamente «sente» o triunfo, em especial pela sua situação de capitão do «team», com todas as responsabilidades e alegrias que o cargo acarreta. Impunha-se que o ouvíssemos, arquivando nas nossas colunas as suas impressões ao fim de tão árdua luta desportiva. E o ambiente não podia ser melhor: em plena bancada dos sócios do Benfica, enquanto o Barreirense e o Sanjoanense disputavam o título da II Divisão do campeonato nacional.

Francisco Albino — sorridente, bem disposto e ostentando na lapela o emblema de honra do seu clube, oferecido só aos dedicados e amigos verdadeiros — recorda a jornada grande de Coimbra.

— Entrámos os onze no campo de Santa Cruz com a certeza de que daríamos todo o nosso esforço pela vitória ambicionada. O nosso pensamento era só um: lutar até à última parcela de energia. Tínhamos a responsabilidade do nome do clube e personificávamos as esperanças dos milhares de sócios que a essa hora, por todo o país, aguardavam o desfecho do desafio com fé no nosso triunfo — sem esquecer a ansiedade de tantos outros que ali estavam, junto de nós, com os seus gritos de entusiástico incitamento. A responsabilidade era grande, mas responderíamos com o nosso mais firme «presente»!

«Com que sacrifício, por fim, me conservei

em jogo, só para não desanimar a equipa com a minha saída...

— Quando o apito do árbitro se ouviu para terminar o jogo...

— ...quasi não queria acreditar. Parecia-me que tinha ainda de prosseguir! Que alívio!...

— O jogo foi difícil?

— Não era bem o jogo, se bem que sabíamos não poder vencer com a vontade, mas as responsabilidades que nos recordavam, momento a momento, aquelas bandeiras encarnadas e brancas, agitadas com frenesi entre a multidão.

«Ali, em Santa Cruz, poderia inutilizar-se todo o nosso dedicado esforço num campeonato inteiro!...

— A sua opinião sobre os companheiros de equipa?

— A melhor possível. Não tenho nomes a destacar. Em todo o campeonato foram sempre dez elementos unidos. A vitória final foi construída por eles, jornada a jornada.

— Que nos diz do campeonato?

— Foi dos melhores que tenho disputado, acusando o desenvolvimento do nosso futebol, com destaque para a disciplina que lhe está sendo imposta. Hoje jogamos muito mais a vontade, libertos daquele propósito de «inutilização» que era a preocupação de certos elementos.

Albino, como de resto todos os desportistas, havia de ter a melhor e a pior recordação desta passagem da sua vida desportiva: o campeonato nacional de futebol. Eis o que nos revelou:

— À parte o jogo de Coimbra, o meu maior prazer foi a vitória conseguida sobre o Futebol Clube do Porto... É que foi a primeira vez, desde que jogo futebol, que venci os portugueses em «casa»! Mas tenho uma recordação desagradável, que não esqueço facilmente: a derrota que nos infligiu o Vitória de Guimarães. Aqueles 5-1 abalaram toda a equipa... O nosso moral ficou combalido. Os oito dias que se seguiram foram terríveis!... Durante essa semana quasi não saí de casa. Tinha vergonha de aparecer aos sócios e adeptos do meu clube!

— Mas depois...

— ... Coisas da bola! Um precalço como os que sucedem aos melhores grupos. No domingo seguinte, ao entrarmos em campo, éramos os mesmos «onze benficanos», cheios de fé, de vontade de vencer.

Assim foi, de facto. E acrescenta:

— Agora, para terminar a minha carreira no futebol português, só tenho um desejo...

— ?...

— Vencer o Campeonato Nacional da próxima época, para ter a certeza de que a «Taça» ficava no Benfica em definitivo... Era a maior satisfação da minha vida desportiva. Se o «tempo» me ajudar, espero concorrer com toda a minha alma para conseguir essa grande vitória.

— E depois... abandona?

— Sim senhor. Mas, se fôsse possível terminar a minha vida de jogador de futebol entregando ao Benfica a linda «Taça» — que alegria!...

FERNANDO SÁ

ARTUR DA SILVA REBELO

No decorrer da sessão solene efectuada no domingo na sede do Grupo Desportivo Fstorial Plage, ioi, pelo Senhor Presidente da República, condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, o nosso amigo sr. Artur da Silva Rebelo, illustre secretário geral da Sociedade Fstorial Plage e presidente do seu Grupo Desportivo desde a primeira hora.

Felicitamos-lo por tão honrosa distinção.

FOI há vinte e quatro anos—a 14 de Agosto de 1919—que nasceu o Clube Desportivo de Pedrouços, grupo de características baírristas, como o seu próprio nome deixa antever.

Os seus fundadores vinham animados do propósito de difundir, propagandear e estimular, por tódas as formas possíveis, o gosto pela prática da natação.

Plano magnífico, tanto mais para elogiar quanto é certo que as sucessivas direcções do Pedrouços o têm cumprido à risca. O Clube tem, de facto, uma fôlha de serviços brilhante, prestados à causa da natação em Portugal. E durante quasi um quarto de século têm representado o Pedrouços nomes grandes entre os melhores da natação portuguesa!

Dedicando-se exclusivamente a modalidades que em hora de má inspiração se convenciou apelar de pobres, o Pedrouços alargou mais tarde, com outros desportos, a sua esfera de acção, e nesses alcançou igualmente posições dignas de relevo.

Lutando somente com os seus próprios recursos, sujeito, portanto, às contingências da vida, o Clube tem visto, como é natural, alternarem-se épocas de esplendor com outras de crise.

O Pedrouços, todavia, não desanima. Pelo contrario: os dias mais sombrios que têm existido por vezes na vida do Clube, apenas serviram de estímulo para que aqueles que se encontram ao leme da colectividade redobrem de esforços.

Pôr o Pedrouços em contacto com o público — é sempre oportuno. Num começo de época natatória, com mais razão. Tomemos, pois, o pulso do Pedrouços, e registemos o resultado do nosso exame...

Na sede do Pedrouços

Visitámos, numa destas noites, as instalações do Clube Sportivo de Pedrouços — no coração do bairro que lhe deu nome.

Primeiro as desportivas piscina e campo de «basket-ball». Depois a sede — ginásio, teatro, sala de jogos e gabinetes de secções e da direcção.

Receberam-nos, solícita e amavelmente, os srs. Carlos Casanova, presidente da direcção, e Luís Alves Miguel, director da secção de natação.

O sr. Casanova principiou por nos dizer:

— O Pedrouços mantém, presentemente, as seguintes secções: natação, «basket-ball» masculino e feminino, vela, bilhar e «ping-pong».

A UM ANO DAS BODAS DE PRATA...

A vida do Sportivo de Pedrouços

segundo CARLOS CASANOVA, seu presidente

E analisa cada uma de per si:

— Em natação trabalhou-se com o entusiasmo de sempre, não só por parte da direcção como por parte da respectiva secção. O menor número de organizações dentro do nosso clube, tal como o menor número de «saídas», em relação a épocas anteriores, não significa que se tenha quebrado o entusiasmo. A frequência às «escolas», tanto de crianças como de adultos, foi elevada. E no fim da época, como sempre sucede, dezenas e dezenas de pessoas haviam aprendido a nadar. Não fizemos a Travessia do Tejo inter-sócios, prova «velha» do nosso calendário, porque a data que nos convinha coincidiu com a travessia da A. N. L. e nos domingos de que dispúnhamos a hora das marés não o permitiu. E dentro desta modalidade registemos a existência do Centro Extra-escolar n.º 5 da «Mocidade Portuguesa», recebendo os filiados instrução de natação.

Uma pausa, para concentrar ideias e continuar:

— No «basket-ball» concorremos a tódas as categorias do campeonato da I Divisão da A. B. L., presentemente em curso. Antes de mais nada, quero frisar o facto de não termos nenhum jogador castigado — pormenor sempre agradável de registar. Em primeiras categorias e em segundas ocupamos o segundo lugar da classificação. Nesta secção é justo anotar os nomes de José Mayer, António Salgueiro Régo, Mário Aboim Inglês e Erancisco Madeira da Silva, este último o treinador dos nossos «basketistas».



Carlos Casanova

«No que diz respeito à vela, ganhámos na época passada dois primeiros prémios. Um, na regata do S. A. D., com o «S. José», de José Maria de Sousa Paulo. Outro, na regata do Naval Barreirense, com o «Feio», de Manuel Pedro Santos.

«Concorremos a grande número de regatas e tivemos 43 embarcações registadas na «Brigada Naval». E lembremos, nesta secção, os nomes de António Macieira de Sousa, Miguel Marques e João Paixão».

A natação na presente época

Feita uma ligeira análise às várias secções do Clube, quizeamos saber quais os planos que o Pedrouços tem para a presente temporada, dentro da sua modalidade primacial — a natação.

O sr. João Casanova interrompe para indicar:

— Ninguém melhor que Luís Alves Miguel o pode fazer.

É de facto o antigo e conhecido campeão que nos fala agora:

— Começou a actual direcção por fazer melhoramentos na piscina, tendentes a torná-la mais atraente. Dotou-a com um cais novo, de cimento, e passadeira, desde o balneário até à borda da piscina, e construiu uma torre de saltos a substituir a que o ciclone inutilizou. Projecta ainda relvar o terreno que circunda a piscina e cobrir com trepadeiras a parte sul, a fim de proporcionar sombra e bem-estar ao público.

«Continuaremos, claro, a manter as escolas de cinto, onde, além dos sócios, receberão instrução as crianças pobres do bairro. Organizaremos pequenos festivais inter-sócios e inter-clubes. Concorreremos, dentro do possível, às provas da A. N. L. e dos clubes. Reataremos a Travessia do Tejo inter-sócios. Tencionamos organizar uma prova de mar — 500 metros ou meia milha — inter-clubes, no dia 29 de Agosto — dia das Regatas Populares de Remo, uma organização do Club Sportivo de Pedrouços. E para tudo isto conto com a boa vontade e dedicação dos meus colaboradores: Octávio S. Marcos, Francisco Madeira da Silva e José Carlos Pacheco.

De tudo um pouco...

E é altura de ouvir, de novo, o presidente da direcção, a fim de colhermos mais elementos de reportagem.

— Como vive o Pedrouços? — perguntámos.

— Financeiramente, e sobretudo na época actual, dentro da economia a que o força o seu reduzido número de sócios—400. Chega a parecer impossível como fazemos ainda melhoramentos...

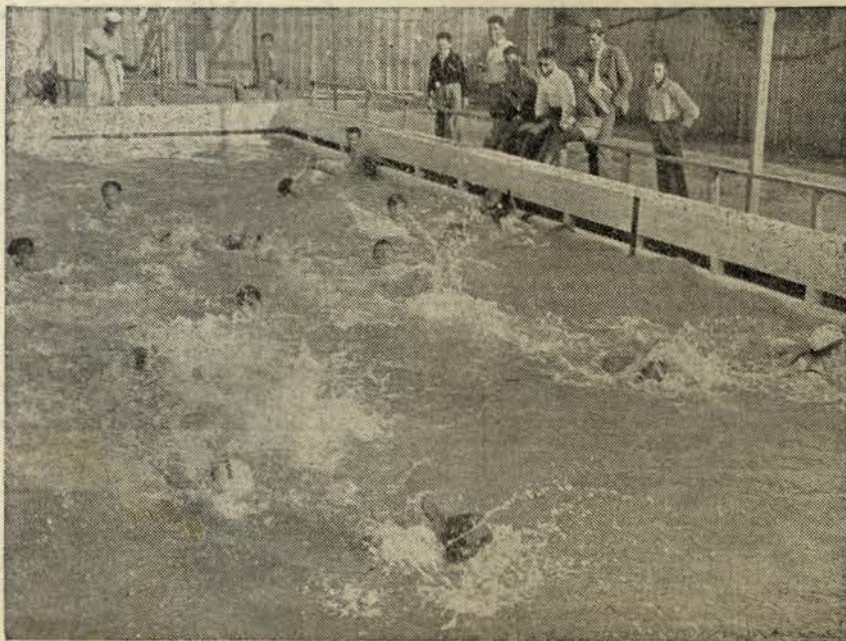
«Por isso, a fim de obtermos receitas, organizaremos, por altura dos Santos Populares, a «Verbena do Pedrouços», que funcionará no nosso campo de «basket-ball».

«Desportivamente — dentro do mais puro amadorismo! Todos os nossos atletas são sócios do clube.

A reportagem estava no fim. O sr. Casanova quis, no entanto, tocar ainda dois pontos: um, as magníficas relações existentes entre o Pedrouços e a «Mocidade Portuguesa» e a «Brigada Naval»; o outro: agradecer à «Stadium» o ter-lhe dado ensejo a poder falar do Pedrouços.

Nada tem, porém, que nos agradecer. O Pedrouços, ontem como hoje, pode contar com a nossa Revista.

ABREU TORRES



OS QUATRO DE LISBOA

com os três de Setúbal e o F. C. Porto entram na segunda fase da competição

A «Taça de Portugal» sucede ao campeonato nacional de futebol, mas disputada em moldes que não permitem «caprichos» na apresentação dos «teams» — pois comporta apenas quatro domingos e é a eliminar. O mais pequeno deslize destrói imediatamente quaisquer esperanças... E isso dá interesse à competição, aliado à circunstância de as características próprias do torneio obrigarem a uma permanente «luta de nervos» em cada partida — tanto dentro do terreno como fora dele! Compreende-se perfeitamente que assim seja.

Nesta primeira «ronda», porém, não houve motivos para sustos: os melhores (o sorteio, neste sentido, foi muito caprichoso) de frontaram os menos bons, a maioria recebendo-os. E só num jogo triunfou o visitante — como «samente num jogo, também, houve «score» equilibrado! No resto, as vitórias foram normais, algumas até por «scores» rotundos.

Vejam-se os números e os nomes desta eliminatória:

- Unidos-Sp. Braga, 7-0;
- Belenenses-Académica, 5-0;
- Sporting-Olhaneense, 4-1;
- Benfica-V. Guimarães, 7-1;
- Porto-Sanjoanense, 15-1;
- Vitória-Leixões, 2-1;
- Unidos B.-Lusitano, 7-1;
- Leça-Barcelense, 2-4;

Em síntese: os visitados marcaram 49 «goals» a 9. E só um não passou à jornada seguinte...

A capital favorecida

Lisboa teve virtude no sorteio! Até parece que foi combinação — mas não foi. No papel — como é de uso dizer-se... — só o Belenenses devia ter a tarefa menos facilitada. Mas não sucedeu assim! E foi ao Sporting a quem coube o adversário mais «rijo»... Contudo, os lisboetas saíram-se airoosamente. E se algum deles tivesse de ir fora? A capital — que já no torneio máximo marcou vantagem em relação à província — continuou a mostrar superioridade. E agora, para a segunda «ronda», vamos ter os quatro apurados de Lisboa, um dos três do Porto e os três de Setúbal.

«Goals» bem repartidos...

No encontro de sábado, no Lumiar-A, o Unidos lisbonense brindou o Sporting de Braga com sete «goals» sem resposta! Mas eram realmente os «leões» bracarense que vieram à capital — ou foi o nosso «velho» Rui Araújo quem quis recordar tempos antigos? Porque, na verdade, só vimos um jogador no «team» minhoto; e esse foi apenas o antigo «leão» de Lisboa. Os sete «goals» foram muito bem repartidos pelos três homens do trio central do ataque: Brito (3), Rebelo (2) e Tanganho (2).

Consagração de campeões

Ao Benfica coube receber o Vitória de Guimarães. Mas antes do jogo — que foi pobre de técnica mas correctíssimo — os campeões nacionais receberam do público a manifestação de apreço a que tinham direito pelo seu recente triunfo. Palmas e lembranças — num ambiente de alegria e de satisfação comum. A cada um dos jogadores foram entregues relógios de pulso marca «S. L. B.» — oferta muito útil do sr. Artur de Brito. E a secção de ciclo-turismo, tendo à frente D. Ilda Dias Afonso, brindou Albino com um ramo de lindos cravos rubros e brancos. Mais abraços. Mais palmas. E só depois disso o jogo principiou. O Benfica venceu folgadoamente — sem

necessidade de empregar-se! E tanto assim que se fez pouquíssimo futebol, sobressaindo apenas os campeões em períodos fugazes da segunda parte. Os vimaranenses lutaram com ânimo — mas desde que Ricoca se maguou, em choque com Rogério, inferiorizaram-se bastante; e ao Benfica apenas foi preciso decisão no remate para alcançar triunfo rotundo.

Tinha de ser...

Os campeões de Coimbra vieram jogar às Salésias. Mas talvez por influência da «Queima das fitas»... «queimaram-se» por completo! Vasco foi um herói — mas não pôde evitar cinco «goals»!

O Belenenses — que no campeonato não teve sorte e parece na disposição de repetir a vitória de 1942 — aproveitou-se da oportunidade para ganhar com sobrançeria.

Calma e saber

O Sporting não necessitou de jogar bem — para bater os campeões do Algarve. Bastou-lhe ter calma e ser mais prático e expedito.

Mas o «match» não interessou a ninguém — a pesar-de ter havido algumas desavenças entre jogadores e uns «mimos» dos visitantes. A expulsão de Loulé nem mesmo serviu para acalmar os espíritos...

Seis... por dois!

A Sanjoanense apresentou-se na Constituição... com débil «constituição»! Quinze «goals» é realmente muito — mesmo para um grupo de província!

Os portuenses souberam tirar partido da fraqueza dos finalistas da II Divisão... «Pinga»... pingou com seis «goals» — e Araújo imitou-o! A canção eterna dos «novos e velhos», gloriada pelo mais antigo e pelo mais jovem jogador do F. C. Porto em campo.

Setúbal: 3-0

Os três «teams» do distrito do Setúbal (dois jogaram em casa e o último foi fora) ultrapassaram o primeira barreira de sol! Com mais realce — a vitória dos novos campeões da II Divisão. Parabéns a Setúbal... e ao Barreiro.

JORGE MONTEIRO

TOIROS EM ALGÉS

A FESTA DE HOMENAGEM A AGOSTINHO COELHO

O programa organizado com o aliciente da reparação do que foi um dos mais úteis e esforçados peões portugueses, atraíu farta concorrência. A diligência e os esforços das quatro principais figuras do cartaz (o homenageado, os cavaleiros Núncio e Murteira Correia e o «espada») contribuíram para que houvesse animação. Pena foi que o curro, fornecido pelo lavrador António Correia de Castro, não correspondesse. De boa apresentação, ainda que desiguais em tipo, os animais acusaram falta de bravura. Mesmo assim, João Núncio brilhou no seu segundo inimigo e Agostinho Coelho, no segundo da tarde, que saiu desembolado, teve alguns pares de bom estilo.

O «diestro» mexicano «Guerrita», que se estreava, fê-lo auspiciosamente, principalmente pelos três passes de «rodillas» e os restantes lances de capote com que saíu do toiro da sua apresentação. Notámos, porém, que durante a lide nunca empregou a mão esquerda! Só a de «cobrar»... Aguardamos nova exibição para podermos criar opinião definitiva.

EL GORDITO.

No «l Critério do Estoril» o Sporting triunfou em iniciados e a Iluminante em amadores e independentes

Duas taças para os «leões» e duas para os «azuis e brancos»

O Circuito do Aeroporto, que devia disputar-se no domingo, não chegou a organizar-se por falta de licença do Governo Civil. Todavia, como do Porto se haviam deslocado, para correr nesta prova, três representantes do F. C. do Porto, os organizadores promoveram, em substituição dessa competição, uma outra a que deram o nome de «Critério do Estoril» e se disputou em volta do Casino daquela aristocrata e encantadora praia.

Se esta organização não alcançou o brilhantismo desejado como elemento de propaganda, e isto deve-se à circunstância de ter sido marcada para aquele lugar no sábado e já tarde, como competições propriamente ditas tiveram bastante mérito desportivo, pois lutou-se com brio e entusiasmo. Lém disso o «Critério do Estoril» serviu para demonstrar que tal género de provas podem facilmente disputar-se, e com êxito, noutros locais, tais como Jardim Zoológico, Parque Gandarinhas e Jardim de Palhavã, sítios onde a faceta de propaganda finalmente será atingida.

O «Critério do Estoril» teve duas provas distintas: uma para amadores e iniciados, que correram juntos, mas com classificações separadas, e outra para independentes.

Como novidade instituíram-se pela primeira vez, em corridas do género, prémios monetários para as equipas. Fórmula de classificação já adoptada há três anos na Volta dos Campeões e em quasi todas as corridas de critérios promovidas em França, ou seja contagem de pontos obtidos nos «sprints» desprezando a maior distância percorrida, ou o menor tempo gasto.

Em iniciados triunfou o sportinguista António Dias Santos, porque ganhou a maioria das embalagens.

Manuel Rocha, isolando-se a partir da segunda volta — e assim percorreu as 20 voltas da prova — venceu e bem na categoria de amadores.

Nos independentes, que disputaram 80 voltas, os resultados estiveram indecisos até final.

Lopes e Lourenço ganharam — o iluminante os dois primeiros «sprints» e o «leão» no terceiro, mas Raposo esgueirou-se a toda a gente antes do quarto «sprint», ganhou este com apreciável avanço, vencendo também todos os outros, mas já com uma volta de avanço. Julgava o fugitivo, e com ele muita gente, que tal vantagem lhe daria direito à vitória final, mas Lopes, assegurando-se de todos os segundos e terceiros lugares nos «sprints» que Raposo ia ganhando, totalizou mais 2 pontos que o seu companheiro de clube, o que lhe valeu o seu segundo triunfo da temporada.

Não tivesse Raposo deixado relegar-se nos dois primeiros «sprints» para último e antepenúltimo lugar e estamos certos de que ele triunfaria, por sinal com bastante justiça.

Mas isto não demine em nada o mérito do

(Conclue na pág. 19)

BICICLETA

FLECHA

e que todos preferem

«A ILUMINANTE»

Avenida Almirante Reis, 6

L I S B O A





Aparatosa — e poeirenta... — queda de Peyroteo



Um defesa de Olhão tenta inutilmente cortar uma fuga de Peyroteo — que vai marcar o 4.º "goal",...

Começou a Taça de Portugal... ...e os favoritos passarão...

Julinho luta com a defesa vimaranense



O 2.º tento do Benfica, sofrido por um "keeper," improvisado



Vasco, o arrojado guarda-redes académico, numa das suas inúmeras intervenções



Salvador sai a bloquear com oportunidade um passe da linha avançada de Coimbra



Um numeroso grupo de senhoras homenageou no domingo os campeões nacionais com a oferta de ramos de flores

RAZÃO DE SER

A Imprensa — essa grande alavanca que o Progresso pôs às suas ordens para servir o Mundo — é hoje, incontestavelmente, força imperiosa, constituindo uma das maiores e mais indispensáveis actividades, sem a qual os povos e as nações não podem viver.

Se a instrução é a base do progresso de um povo, se o grau de instrução adquirido por qualquer nação nos serve de bitola para calcular o seu adiantamento, a maior ou menor prosperidade da Imprensa de um país indica-nos, positivamente, qual o seu nível intelectual.

O gosto pela leitura aparece-nos em toda a parte como índice certo do que vale um país como centro literário, avançando tão audazmente quanto retrocede a vergonha da humanidade — o analfabetismo. É uma afirmação que se aceita sem rubor, se repararmos que, nos povos onde o analfabetismo desapareceu, o livro e o jornal acusam desenvolvimento tão acentuado que, muitas vezes, não está de acôrdo com o valôr demográfico desse país.

Nos povos onde os governantes se têm preocupado com a extensão da instrução a todos os centros populacionais — mesmo os de menor quantitativo, a Literatura e a Imprensa atingiram culminâncias que não é fácil nem possível serem alcançadas, proporcionalmente, por nações onde esse cuidado não exista.

Mas se o gosto pela leitura deve ser desenvolvido é até impulsionado através de medidas sabiamente decretadas, a defesa de quem escreve deve ser também — e por consequência — devidamente acautelada.

No nosso país, uma lei acertada, de recente data, veio procurar resolver o problema dos profissionais da Imprensa. Após tantos anos, algo surgiu em benefício de uma classe que, passando toda a sua vida a defender as outras, não tinha obtido para si a satisfação dessa necessidade imprescindível.

Assim, os profissionais da Imprensa gozam hoje de um estatuto em que os seus direitos estão acautelados, os seus deveres devidamente marcados, quer dizer, um diploma com força legal em que se pretendeu acudir e resolver um estado de coisas que se eternizava.

Ao lado, porém, desses profissionais, existem outros de quem nós pretendemos tratar. É a esses que nos referiremos no nosso próximo artigo.

MÁRIO AFONSO

DE GAIA

DECORREM com excelente animação as festas do 35.º aniversário do F. C. Gaia, cujo programa, elaborado conscienciosamente, comporta números desportivos de interesse.

Está marcada para hoje, à noite, a inauguração do campo de "basket-ball", com jogos entre o clube em festa, o F. C. Pôrto, o Vasco da Gama e o Académico.

Entre as provas de domingo, avulta a de 5.000 metros em pista, com corredores do Salgueiros, Operário, Académico, etc., em disputa da taça "Francisco Retorta". Nesta prova toma parte o atleta do Benfica, Manuel Dias, que acedeu a correr nesta vila.

Diz-se, com insistência, que Serafim, guarda-rêdes do Vilanovense, defenderá as cores dos salgueiristas na próxima época. Por outro lado, um clube local também pretende o mesmo jogador — o Candal. Diga-se de passagem que Serafim é, actualmente, o melhor, no lugar, dentro do concelho de Gaia.

Fala-se na vinda do avançado centro da A. N. da Figueira da Foz para o Candal. O reforço continua...

O "Águia" de Grijó perdeu a colaboração do seu jogador José Alves, levado pela Parca, que nada perdôa!

Stadium na Capital do Norte

OS FACTOS DIZEM...

A NDA o F. C. Pôrto a arrastar a sua fama pelos campos de futebol, na inglória tarefa de destruir o que levou tantos anos a construir...

A aumentar a sua série de derrotas em campos de fora da cidade, veio agora mais esta contra o Sporting de Braga — o campeão do Pôrto perdeu por 3-1.

Não atingimos, francamente, qual a finalidade pretendida pelo clube da Constituição, nesta teimosia de se apresentar a jogar contra grupos que lhe foram inferiores, no momento em que tudo indica dever-se poupar o «moral» dos jogadores a resultados maus, cuja influência não pode ser senão perniciosos.

Repetimos: esquece-se que o F. C. Pôrto tem o seu nome ligado à cidade a que pertence e que as suas infelicidades têm extraordinário reflexo sobre o valôr do futebol portuense.

É erro permitir a continuação destes factos, porque o campeão portuense, apesar de tudo, é um nome no movimento futebolístico nacional. Muito embora esteja atravessando um momento de crise, não deve ser lançado, indevidamente, para uma senda da qual só recolherá perda de personalidade.

Que é assim, que não nos enganamos, provam-nos os seguintes períodos que transcreevamos da crítica de um jornalista bracarense, o nosso colega José A. Pereira, publicada no «Diário do Minho», em 25 de Maio último:

«O F. C. P. não obstante a sensível quebra de forma que o atingiu, nas últimas épocas, é ainda um adversário valoroso e o seu nome é ainda um «cartaz».

«Antes do encontro, os mais optimistas faziam os seus prognósticos favoráveis ao clube portuense, pelo que este era, de antemão, considerado vencedor da partida que ia realizar-se».

Nestas palavras adivinha-se bem qual o péso esmagador representado por estas iniciais: F. C. P. Nestas palavras julga-se devidamente o nome de que o campeão portuense ainda gosa, não obstante o seu declínio. Para quê, pois, dar à multidão bracarense o espectáculo de um F. C. Pôrto desmantelado, sem convicção, sem dinamismo? Para quê?

Fomos dos que nos manifestamos contra a imiscuição de gente estranha nos actos directivos do nosso primeiro clube. Os assuntos internos são da exclusiva responsabilidade e competência dos seus directores e associados.

Mas fechar os olhos a este somatório de ilogismo, também não é de aceitar.

Daf o nosso comentário. São os factos que o dizem, que no-lo confirmam.

O F. C. Pôrto não está em condições de poder defender o seu prestígio. Portanto, poupe-se a massa dos simpatizantes e poupe-se o brio «tripeiro» a estas vicissitudes, que nos diminuem, que nos apoucam perante multidões para as quais a camisola «azul-branca» era promessa de bom e característico futebol.

Voltou a aparecer Faria — um rapaz cheio de vontade, que se teima em não aproveitar

NOTAS... SEM VALOR

NOS anais do desporto portuense fica registada, como nota dos bons serviços prestados ao Vilanovense, a homenagem, na sua sede, a Belo Redondo, ilustre jornalista lisboeta e antigo praticante do Sport Lisboa e Benfica. O clube gaianse saldou, portanto, uma dívida antiga — homenageou o seu representante na capital, o principal elemento de ligação com os clubes e entidades superiores.

No bloco directivo da Associação de Basket-ball do Pôrto, há três baixas — Dr. Horácio da Silveira, J. Pinheiro Júnior e Eugénio Martins. Fica, agora, em quatro: António Viana, Armandino Costa, Vieira da Costa e Ernesto Martins.

A passagem de Florêncio para a turma da Associação Académica de Coimbra não está ainda bem definida. O F. C. do Pôrto não deixa seguir o «rapaz»...

O Sporting Clube de Portugal é o clube do sul com maior cotação para «segurar» o médio-centro do Académico. Apesar dos «contras», o Sporting Clube de Portugal não abandonou o assunto, segundo informação recente, vinda da capital. Contudo, o Académico está na disposição de «impôr» a sua personalidade directiva, em harmonia com o prestígio da colectividade.

Novas surpresas no «basket-ball» portuense, com a «saída» forçada de três jogadores de primeira categoria. Uma empresa particular, com secção desportiva, está interessada na transferência dos jogadores.

O Sporting Clube de Francos chegou à «meta» com a sua posição no Campeonato Promocionário. Representa, na «poule» final, os clubes promocionários da A. F. do Pôrto, dentro da zona tripeira. Tem, agora, um papel mais importante em face da categoria do jogo.

Nova orientação no ciclismo com as futuras organizações de pista. Os três clubes desta cidade, Académico, F. C. do Pôrto e Salgueiros, unidos por um princípio de camaradagem desportiva, têm já um programa elaborado para o próximo dia 13 de Junho, na pista do Lima.

Com a desistência do Hockey Clube do Pôrto, Fernandes foi reforçar a equipa do clube do Lima. Mais um novo «recruta» da equipa de «hockey» em patins.

DR. ALVARENGA

O "Basket-ball" — "Princípio" dos Desportos

UM belo dia alguém ousou chamar ao futebol «desporto-rei». Tal combinação de palavras, proferida ou escrita em hora feliz, foi rápida e deliberadamente aceita por todos, espalhou-se, fez carreira — e seu autor ignoto foi esquecido, no rodar dos tempos, tal como a bola resvala no relvado dos terrenos em que o futebol se pratica.

É uma verdade: o futebol é o desporto rei! Domina, arrebatada, atraí as multidões, qual imã poderoso que tudo cham a si, acorrentando-as num cegueira, fazendo-as esquecer a chuva impiedosa, impertinente, que encharcha e ensopa, ou o sol escaldante, que tisma os miolos, que

(Continua na pág. 19)

devidamente. Como de costume, Faria marcou a sua personalidade. Foi o autor do ponto de honra. Tal como contra a Académica, salvou o brio dos tripeiros, apontando um «goal». Raros foram os encontros em que o seu pontapé não gerou um ponto. Entretanto, continua posto à margem. Critérios...

ROBERTO AMIAL

MOURA ATLETICO CLUB

COIMBRA, A DESPORTIVA

A acção social de um clube de desporto

FALAMOS, há pouco tempo, de um officio recebido na «Stadium», acerca de qualquer «eco» em que se comentou, incidentalmente, o estado do campo de futebol que existe em Moura, e que parecia um tanto abandonado. O officio vinha escrito em termos dignos de apreço, para uma referência que não agradara. Surpreendeu-nos a correcção da direcção do Moura Atlético Clube; esta referia-se a uma obra que, a ser verdadeira, teria amplitude invulgar para clubes desportivos. Formou-se na redacção da «Stadium» a ideia de conhecer mais de perto o que se está fazendo na laboriosa vila alentejana, relativamente a desporto.



Abeilard Bacelar

Aproveitámos o primeiro ensejo que se nos deparou—uma visita a Moura. O que vimos e ouvimos consta das notas que seguem, extraídas de uma conversa com o sr. Abeilard Afonso Bacelar, presidente da direcção do Moura Atlético, na sede do clube.

Um passado recente

O Moura Atlético Clube tem pouco mais de um ano, pois a sua fundação data de 7 de Janeiro de 1942. Não é, porém, a primeira agremiação desportiva que se fundou em Moura. Existiram outras—uma também com o nome de Moura Atlético. Houve um Sporting local. E o Sport Lisboa e Benfica contou ali uma filial. O desporto teve, mesmo, na antiga vila, momentos de prestígio e entusiasmo. O seu campo de futebol vem de 1925. Construiu-o a Câmara Municipal, com a cooperação valiosa de alguns lavradores. Onde existia uma vala, fez-se o campo, que é amplo e vedado com muro. Tem o nome de «Estádio Maria Vitória», título que corresponde à junção dos nomes das duas madrinhas.

No princípio do ano findo não havia nenhum clube desportivo em Moura. Fundou-se por isso, o Moura Atlético Clube. A pouco mais de um ano, está com 250 sócios. Não é muito, mas é alguma coisa...

O clube, as instalações e as suas secções

As instalações do Moura Atlético Clube são: sede, pequena talvez, mas central; campo de jogos, que a Câmara Municipal cede sem encargos; e vestiários e balneários provisórios, perto do campo.

A sede comporta gabinete da direcção, sala de «ping-pong» e diversas salas para jogos de vasa.

Do campo já falamos. Tem um defeito que é, sob alguns aspectos, vantagem—a erva. Não é relva apropriada. São ervas diferentes, que nascem irregularmente e que é preciso cortar, com frequência, no inverno e na proximidade dos jogos. Sempre que há um desafio, e preciso «aparar-las.» É uma massada. E são despesas a mais. Os vestiários ficam do outro lado da estrada, próximo do portão da entrada para o campo.

Presentemente, funcionam as seguintes secções: futebol, com categorias de honra e reserva, sob a direcção de Manuel Rodrigues de Andrade, presidente do Conselho Técnico; ginástica, com classes para infantis e adultos, dirigida pelo sargento da aeronáutica Joaquim Amado. A ginástica é ministrada no campo de jogos. A categoria de honra de futebol é

capitaneada por João Fernando Rodrigues Peres, e a de reserva por Joaquim Bento Moita.

Há também, uma secção de «ping-pong», orientada por João Fernando Rodrigues Peres.

O Moura A. C. tem médico, o dr. José da Cruz Fialho. Todos os praticantes de desporto de competição são devidamente inspecionados. E o dr. Cruz Fialho presta ainda serviços clínicos aos atletas e sócios do clube, com solicitude digna dos melhores elogios!

Um saldo em números

O Moura A. C. disputou, até meados de Maio, 24 jogos. O saldo, em números, dá: 17 vitórias, 3 empates e 4 derrotas. O «score» total é de 110 bolas metidas, contra 30 recebidas. Em 1941, o «score» médio foi de 5-1 por jogo.

No ano findo, o clube mourense entrou no «Torneio da Margem Esquerda do Guadiana», ao qual concorreram também o Atlético de Ficalho, o Atlético de Brinches e o Serpense. O Moura triunfou, apenas com uma derrota, imposta por sinal pelo grupo mais fraco—o «onze» de Brinches; teve, portanto, 5 vitórias e 1 derrota. E o «score» total foi de 24-4.

No decurso da presente época, o Moura disputou o campeonato distrital de Beja e a respectiva sub-série do campeonato nacional da II Divisão, obtendo nos dois torneios o segundo lugar, atrás do grupo de Beja. No campeonato distrital, o Moura perdeu um a dois contos, por causa das suas despesas com deslocações.

A acção social do Moura e alguns dos seus projectos

A direcção do Moura A. C. mantém, há tempo, um curso nocturno de instrução primária, para sócios e famílias dos sócios, dirigido pelo sr. Manuel Rodrigues de Andrade. Tem pouca frequência mas funciona com regularidade.

No dia 1 do próximo mês de Junho abre um curso comercial, que vai ser dirigido por José Gaspar Patrocínio, secretário da direcção, tendendo este curso à melhor preparação profissional dos sócios que trabalham no comércio.

Está em organização a biblioteca do clube, para a qual trabalha uma comissão composta pelos sr. João Fernando Rodrigues Peres, Miguel Serrano e Álvaro Gomes Fialho. Há já muitos livros na sede.

Os projectos em vias de realização ou em estudo são: construção de bancadas no campo de futebol; construção de um balneário no próprio campo; rectângulo para «basket-ball»;

COIMBRA, a Universidade, o Desporto—eis três elementos distintos mas ligados, que formam aspecto de vasto interesse no desporto nacional.

Quantas têm sido as vezes que a linda cidade universitária é chamada a colaborar em jornadas de grande interesse para o desporto português? E não só pela sua situação de terceira cidade do país—mas justamente pelo valor desportivo que encerra, reconhecidas as suas qualidades magníficas de região desportiva que tem animado, com alegria e entusiasmo, as nossas principais actividades de desporto, especialmente o futebol, em que tem marcado honrosa presença.

Além disto Coimbra surge quasi sempre nos momentos mais difíceis de um torneio—como obstáculo com que é preciso contar...

Foi assim no último jogo do Campeonato Nacional de 1943, e tem sido a-sim em tantas outras ocasiões, nas quais o valor da «Briosa» nos aparece classificado da forma mais elogiosa.

Coimbra, a dos doutores, das tricanas e do choupal, foi neste recente domingo unicamente desportiva.

Transformou-se a fisionomia da cidade do Mondego. A mais intensa animação tomou inteiramente conta de Coimbra e, quando a hora do grande jogo chegou, o campo de Santa Cruz regorgitava com uma multidão, entusiasta ao máximo, que se acotovelava nas acanhadas dimensões do campo dos estudantes.

E assim o grande desafio Benfica-Académica, à parte todo o seu significado de pugna desportiva de tão grande valor e interesse, veio pôr mais uma vez em evidência um problema que legitimamente os coimbricenses esperam ver solucionado: a construção de um estádio em Coimbra!

Exemplos como o de há dias atestam essa necessidade, mais agravada com o desaparecimento do seu melhor campo, o do Arnado.

A posição de Coimbra no desporto português reclama com justiça esse melhoramento, que além de ser uma necessidade da região—é de facto necessidade do desporto nacional!

criação das secções de tiro, «woley-ball», «basket-ball» e atletismo; e organização de um torneio de tiro aos pratos, a disputar em Junho, no campo de futebol.

O Moura Atlético Clube luta com algumas dificuldades, até mesmo no que respeita à organização de desafios particulares, por serem elevadas e não terem fácil compensação as despesas com a deslocação de equipas de valor. Espera, porém, vencer com entusiasmo todas as dificuldades. E confia no futuro!



«O «team» vencedor do «Torneio da Margem Esquerda em 1942/43»

Os vinte e dois anos do Matadouro Futebol Clube

Um grupo de rapazes que se reunia normalmente no Jardim do Matadouro, acalentava, de há muito, a ideia da formação de um clube.

Vencidas as primeiras dificuldades vieram por fim realizados os seus intentos — e no dia 4 de Maio de 1921 Lisboa contava com mais um clube — o Matadouro Futebol Clube.

O nome provinha exactamente do facto dos seus fundadores se reunirem no Jardim do Matadouro, acrescentado da designação de «futebol clube», visto para o futebol se dirigir a atenção dos seus fundadores.

o destino determinaria, porém, que fosse noutras modalidades que o Matadouro alcançaria os seus melhores triunfos.

De facto, contrariamente aquilo que presidiu à ideia dos seus fundadores, o Matadouro não se dedica hoje, por assim dizer, ao futebol, embora seja ainda filiado na Associação de Futebol de Lisboa.

O «basket ball» e o «ping-pong» são as modalidades mais importantes dentro do clube e aquelas também em que o Matadouro tem alcançado os seus melhores triunfos.

Em «basket ball» ganharam, na época 1935-36, o campeonato de reservas da II divisão. Presentemente disputam o campeonato da I divisão da A. B. L., ainda que nela ocupem posição modesta.

Em «ping-pong» foram campeões de Lisboa da Divisão de Honra, nas épocas 1938-39 e 1939-40. Este último triunfo foi alcançado por uma das melhores e mais homogêneas equipas que o Matadouro tem possuído — José Roovers, António Esteves e Abílio Santos.

O clube conta ainda uma vitória no campeonato de futebol de segundas categorias da extinta Federação Socialista de Desportos Atlético.

Presentemente, mantém igualmente a secção de «volley-ball».

Colectividade modesta, vivendo, como não podia deixar de ser, no mais puro espírito de amadorismo, o Matadouro deve muito ao amparo e dedicação de alguns sócios, amigos sinceros do clube, que nunca lhe têm regateado a mínima parcela de actividade, tais como Manuel de Almeida, António Bento, Joaquim Real, Júlio Crêspo, Carlos Carvalho, Américo Fernandes e outros. É digna também de registo a dedicação que sempre tem votado ao Matadouro o campeão de «ping-pong», António Esteves.

A simpática agremiação está vivendo a passagem do seu 22.º aniversário, que comemorou no último domingo com uma sessão solene na sua sede, no decorrer da qual distribuiu peças de vestuário a 22 crianças pobres do bairro. E, a propósito, anote-se também que o Matadouro Futebol Clube mantém uma secção de beneficência da qual é presidente honorário o sr. tenente-coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa.

Todos os anos, justamente por altura do aniversário, contempla as crianças pobres na medida das suas posses.

É com satisfação que «Stadium» — revista onde há lugar para todos, grandes e pequenos — dedica estas linhas ao Matadouro Futebol Clube, felicitando-o pela passagem de mais um aniversário e desejando-lhe as maiores prosperidades.

SABONETE

"O meu Algarve"

o melhor para a pele

MARCA REGISTRADA da

Farmácia A. F. ALEXANDRE

FARO — Algarve

Este número da "STADIUM" é de vinte páginas

DEBRUÇADA SÔBRE O CÁVADO...

BARCELOS

e o Gil Vicente F. C.

A linda cidade minhota — Barcelos — que toda a gente do norte conhece pelas suas imponentes «Festas das Cruzes», mas da qual poucos sabem da sua vida histórica nacional — é um dos grandes centros desportivos do país.

Possuindo uma agremiação desportiva de certo valor futebolístico — o Gil Vicente, toda a cidade e região que o Cávado banha vive e vibra com as glórias do seu clube, parte imprescindível e indispensável da cidade, da qual é legítimo orgulho.

Há pouco foi visitada pela caravana do Benfica, num intercâmbio desportivo que é pena não se repetir com mais frequência. Barcelos agitou-se — e agigantou-se; recebeu como só de receber êsse lindo Minho florido, onde a hospitalidade é um dogma, personificação do cavalheirismo de uma terra de gente boa e sã. São assim os minhotos: corações leais e francos, almas abertas de par em par à gratidão, aos bons sentimentos.

Por ela passou, nesses dias, alguma coisa do que temos de mais representativo no meio futebolístico nacional. A recepção foi esmagadora de grandeza. Toda Barcelos saiu para a rua a vitoriar o clube lisboeta, hoje campeão nacional.

Impossível se torna, dada a exiguidade do espaço, dizer um pouco daquêlles «muitos que se viu em Barcelos. Assim, a traços largos, num correr de olhos cuja mirada se estasia nas belezas barcelenses, vamos dizer alguma coisa sobre o Gil Vicente F. C.

Em 1924, um grupo de rapazes «novos» — orçavam todos pelos 13 a 15 anos — lançou-se na iniciativa de fundar um grupo de futebol. Destacaremos a figura franzina e modesta de Mário Duarte Figueiredo, um dos mais activos propulsores do Gil Vicente F. C., forte dedicação ao serviço da causa desportiva.

Caíu a semente em terra fértil e o novel grupo foi singrando ora melhor, ora pior, mas amparado pela gente boa da terra, entre a qual devemos destacar os sr.s Gonçalo de Araújo, Francisco Tôres, Francisco Aguiar, Alberto Guimarães e outros.

Conta ultimamente com a acendrada dedicação do sr. Emilio Moreira, dedicado presidente da Direcção e que ao «Gil» tem dispensado muita canceira moral, física e... financeira...

Dizer o que tem sido o esforço dispendido para que o Gil Vicente continue na sua obra, é difícil. Mas o que se deve dizer é que tem encontrado, da parte de todos, desde os sócios até à Câmara Municipal, atenção e cuidado acentuados, com carinho e benéfico e estimulante auxílio.

As necessidades de urbanismo cidadão condenaram o actual campo de jogos do Gil Vicente. Logo a edilidade, pressurosa, acaba de obviar a êsse inconveniente, revelando, pela boca abalizada do seu presidente — o sr. Alexandre Sá Carneiro — que o estádio municipal será um facto e que somente depois dêle construído será sacrificado ao camartelo municipal o parque de jogos!

Mas os obreiros não param. Novos incitamentos e novas dedicações surgem. Um dos maiores óbices do Gil Vicente — o do treinador — também está em vias de solução.

E Barcelos, ciosa dos seus pergaminhos, orgulhosa do seu clube, parece encontrar uma alma nova — renasce, vivifica-se, antegosando a hora de uma vitória que não surgiu ainda,

DE CONTA PRÓPRIA

Havia de ser cá!

De vez em quando recebemos a visita de várias publicações norte-americanas. De desporto, já se deixa ver. Umhas escritas unicamente no idioma de Byron. Outras dividindo-se em células políglotas. Páginas em inglês, páginas em espanhol e português. Estas interessam-nos particularmente. Contêm com frequência matéria curiosa. Não citamos os relatos cronológicos de prêmios futebolísticos, ou de outras modalidades, ainda que, pode dizer-se de passagem, haja diferença acentuada na forma de os ordenar; embora em notícia corrida, imprime-se-lhes um certo «picante» de emoção. Onde nos fixamos é no desassombro, no á-vontade com que os críticos desportivos portugueses do Novo Mundo expõem as suas opiniões. Chegam até a ser um pouco infantis em determinadas expressões...

Há dias, o correio trouxe um jornal português da América. Um «Diário de Notícias» de Bethlehem. Quasi em meia página, a reportagem da inauguração da nova sede do Portugal Atlético Clube — descrição sem nada de notável ou especial, enfermado mesmo de português com geitos de embrulhado... Permenorizou-se tudo. Desde as pequeninas que ofertaram ramos de flores aos presentes, as bênçãos das bandeiras, até a maneira como os visitantes foram recebidos e portos por onde entraram!... A sessão solene foi largamente dissecada. Numa palavra; reportagem completa abundando em objectivos encomiásticos...

Mas... até certa altura!... Porque, depois, o jornalista perde nitidamente o sentido do equilíbrio e envereda por apreciações e opiniões que atingem alturas de franco desassombro e infantilidade, como por exemplo ao salientar a pouca atenção havida com a sua pessoa; indicar-lhe lugar nas cadeiras da assistência, quando lhe devia ser dado, como orador previamente inscrito, um lugar na mesa de honra. E diz: «Tive de falar do lugar onde me encontrava, embora na primeira fila, caso que foi notado e censurado pelo público, e se não fora um pouco de bom senso e educação, ter-me-ia retirado do salão. Ao elaborar-se um programa de festas, deve haver um cuidado especial para não dar «fistas», como no caso em questão».

Cita ainda idênticos percalços sucedidos a outros oradores, que mais pareciam estar na assembleia geral do clube que numa sessão solene, onde só quem está na mesa de honra tem o privilégio de usar da palavra!...

Mas o melhor, quanto a nós, está neste bocado que segue: «Pedimos desculpa de qualquer falta involuntária na reportagem das nossas notas, e se falta houver, declaramos serem involuntárias, sem maldade, pois a nossa vontade e o nosso desejo é agradar aos directores do clube e ao público, que tem a paciência e a pachorra de nos ler, restando pedir aos senhores tipógrafos, que não façam a mistura de «alhos» com «bogatinhos», como vem sucedendo, tirando assim o sentido à frase que se pretende empregar, pelas quais temos já sofrido dissabores de pessoas, que pouco ou nada compreendem da matéria!»

O sublinhado pertence-nos. Belo naco de presa! Era a «consagração» — iam dizer exautoração... — do jornalista português metropolitano que declarasse publicamente desejar agradar aos directores do clube. Por menos, alguns têm sido queimados em efígie!... A citação da paciência e pachorra é uma ingenuidade deliciosa. Por último, a prevenção aos tipógrafos é pungente confissão dos dissabores sofridos ante os leigos da matéria, e vale, se não um poema, pelo menos a reportagem toda, e mais um sorriso benevolente... Parafraseando o «com-père» de certa revista: «Havia de ser cá! Que brasileiro!»...

LANÇA MORFIRA

mas que a tenacidade, o entusiasmo e a fé há-de conseguir, removendo tudo, desbravando o caminho — êsse caminho engrinaldado e alacre por onde o Gil Vicente há-de attingir, em jornadas de triunfo, a visão fugitiva de momento: ser Campeão!

MÁRIO AFONSO

O Algés e Dafundo cortou as relações com o Estoril Praia

A notícia do corte de relações entre o Sport Algés e Dafundo e o Grupo Desportivo Estoril Praia, publicada pelo nosso colega «República», correu rápida e provocou sensação.

Já dias antes tal notícia nos tinha sido confidenciada — e não lhe demos publicidade, sacrificando o nosso interesse de jornalistas, porque de rigorosa confidência se tratava. Agora, modificada esta situação, podemos acrescentar alguns pormenores de interesse, pelo que se refere aos motivos invocados pela direcção do Algés e Dafundo para tomar tal atitude.

São sempre de lamentar estes desagradáveis incidentes, em especial quando se profundam as suas causas — onde superam, ao fim e ao cabo, atitudes discutíveis. Mas mais penaliza todos os honestos servidores do desporto — do verdadeiro desporto — quando, como no caso presente, se trata, por um lado, de uma colectividade com obra notável em prol da natação — que lhe deve, a par de incalculável soma de benefício trabalho, o nosso único Estádio Náutico! — e por outro de um clube que começou há pouco mas se afirma disposto a labor de valia dentro do desporto, unindo esta actividade a outra de carácter cultural e social de consideração.

Segundo as informações que possuíamos, para nós dignas de todo o crédito, a questão Mário Simas, a que se seguiu o caso Azinhais e a atitude de vários nadadores, encontraram e deixaram a direcção do S. A. D. disposta a continuar serenamente os seus trabalhos. O carinho com que a população associativa a rodeou e o apoio dos mais categorizados elementos do clube — daqueles que nunca procuraram receber benefícios, nem ao menos a compensação modesta dos sacrifícios feitos em tempos difíceis — bastaram aos dirigentes do clube para sentirem que o S. A. D. estava com eles. De resto, o seu procedimento era, como sempre na vida do popular clube náutico, baseado em moldes e disciplina impostos pela mais elementar correcção.

Para os que conhecem a vida interna do Algés é fácil recapitular as principais facetas da questão: Mário Simas foi castigado, por motivos de ordem disciplinar, com três meses de suspensão. Não aceitou esta situação e demitiu-se de sócio — mas a direcção do clube não deu seguimento — ao seu desejo por considerar que se o fizesse não produziria efeitos a penalidade votada! Segundo se afirma, Simas teria sido então convidado a ingressar no Estoril Praia.

Por sua vez, Azinhais dos Santos, que anunciara o seu desejo de permanecer da mesma forma no S. A. D. — onde «nasceu» e sempre «viveu» a sua actividade desportiva — tanto mais que considerava o caso Simas alheio a assuntos directamente relacionados consigo, comunicou posteriormente a resolução de ingressar no profissionalismo e que o pr seguimento da sua actividade no Algés ficava assim ligada ao aspecto monetário, pois recebera do Estoril Praia uma proposta no sentido de exercer ali as funções de treinador.

A direcção do S. A. D. submeteu a Azinhais bases para um contracto, mas o conhecido nadador parece não ter dado ao assunto o seguimento necessário e afastou-se, praticamente, do seu velho clube.

Passado tempo, na piscina do Algés dizia-se abertamente que Azinhais dos Santos havia começado a «recrutar» os melhores elementos do S. A. D., com a promessa da oferta de bilhetes de assinatura da linha do caminho de ferro do Estoril...

Se a direcção do Algés não desejou tomar qualquer atitude em face do convite feito a Mário Simas pelo Estoril Praia, não pôde aceitar no entanto a nova situação que se lhe

(Conclui na pág. 18)

A prova de 15 quilómetros e a visita do Sporting a Coimbra — Uma bela jornada desportiva

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

A prova dos quinze quilómetros em estrada teve, este ano, pela força das circunstâncias, que impuseram a necessidade de dispensar carros de acompanhamento, um novo percurso em circuito fechado, que resultou favorável às características da organização e serviu muito melhor os objectivos de propaganda.

Os corredores deram cinco voltas ao Campo 28 de Maio, pelo passeio exterior do Parque, e a distancia total foi calculada por palpite — que não acertou. O tempo final do vencedor dá a média de 15 m. 23 s. por cada légua, inferior ao «record» nacional em pista e que é manifestamente impossível.

Conclue-se, por conseguinte, que a distancia não estava certa e isso se deve ao desleixo do Conselho Técnico do S. A. L., que não quis dar-se ao trabalho de medir o percurso antes da corrida, como era o mais elementar dos seus deveres.

Celebrada desta vez a hora conveniente (embora com grande atraso sobre a que fóra marcada, devido à lamentável falta de pontualidade dos homens do Sporting e do Benfica) e num caminho que a sombra das árvores cobria quasi em toda a extensão, a prova deixou ótima impressão e foi muito bem disputada pelos corredores mais bem classificados.

Manuel Nogueira ganhou muito destacado, separando-se na terceira volta do último adversário e aumentando sempre o avanço até final; chegou folgado, como provou a sua impressionante embalagem final. Está de novo em boa forma e continuando a preparação metódica até agora mantida deve fazer excelente temporada de pista.

João Miguel lutou dentro dos seus recursos, mas nada conseguiu contra um homem mais rápido e de melhor passada; a distancia é curta para as características do corredor, que nos pareceu em declínio relativamente à época transacta.

Alberto Ferreira, terceiro classificado, é o corredor de fundo da nova geração que se apresenta fisicamente mais bem apetrechado; tem ainda dois grandes defeitos técnicos que lhe é indispensável corrigir para alcançar resultados compatíveis com o seu valor: corre em for a, contraído, dispendendo com inúteis e onerosas energias grande parte dos seus meios, e tem a passada muito curta por deficiência na flexão do joelho e no movimento oscilatório da coxa. O seu problema é uma simples equação de gymnástica de treino.

Salvador Antunes foi o imediato a entrar na meta — e concluiu a prova esgotado; foi muito bem durante duas voltas, mas daí por diante via-se aumentar a sua dificuldade em prosseguir. Está em crise de forma, por excesso de trabalho desportivo ou por má condição física, cujas causas nos não compete averiguar.

Os restantes fizeram o que puderam — e foi pouco. Cito apenas Domingos Simões, cujo final de prova impressionou pela facilidade e que melhorará provavelmente em percursos de maior quilometragem.

O atletismo acordou em Coimbra!

A comissão organizadora das Festas da Queima das Fitas incluiu este ano no seu programa uma jornada desportiva que consagrou essencialmente ao atletismo.

Para competir com os atletas da cidade, em especial com os praticantes da Associação Académica, que desde o principio do ano trabalham sob a direcção do sr. Alberto Freitas, foi convidado em última instância o Sporting Clube de Portugal, que enviou à cidade universitária onze dos seus elementos, na grande maioria principiantes e juniores, como convinha aos objectivos do festival.

Os resultados foram excelentes, mais do que animadores para os rapazes da «briosa», alguns dos quais mostraram ótimas condições

para a especialidade e merecem já um lugar nas escassas primeiras hostes do atletismo português. Cito, pela ordem em que mais agradaram, Abreu Lima, Manuel Camões, Jorge Camões, Boffa e Renato Ferreira; são quatro ases e o «best» no baralho coimbrão...

A pesar das más condições do terreno, muito duro, em declive e com péssimas curvas por escassês de largura, as marcas foram muito interessantes.

Abreu Lima correu os 250 metros em 30,2 s. ficando apenas a um décimo do melhor tempo nacional de estreantes (Evaristo Silva, 30,1 s.), única categoria em cujo programa figura a distancia. O corredor académico é junior mas tem estofa para luzir a par dos melhores em provas de 200 metros; já na época passada o viramos correr em Lisboa, onde ganhou esta corrida nos campeonatos universitários da M. P. e agora confirmou a impressão de agrado então colhida.

Os irmãos Camões colocaram-se em destaque nas provas de lançamentos; Jorge ganhou a do peso de 5 k. com 13,34 e estilo defeituosíssimo, sobretudo nos movimentos que precedem a deslocação no círculo, e são apenas ao contrário do aconselhável; Manuel lançou o disco a 34,86, o que lhe assegura o 12.º lugar na lista dos melhores resultados portugueses. Para um estreante, é auspicioso.

O saltador em altura Boffa e o corredor de velocidade Renato Ferreira são muito habilidosos; o primeiro, que também é estreante, pode passar ainda este ano 1,75 se corrigir a passagem da perna inferior, que precisa de ser lançada de baixo para cima (para elevar a anca) e não apenas de trás para ante.

Na falange sportinguista primou outro estreante, Alvaro Dias, que transpôs 3,10 à vara sem um derrube e não tentou maior altura por conveniência de organização da equipa; saltou ainda em comprimento 6,40 sem ter conseguido acertar uma única vez a corrida e a chamada.

Outro novo que se evidenciou foi o junior Nunes da Silva, atirando o disco a 36,24, sétimo resultado português. Atleta de invulgar poder, tem todas as condições dum «recordman»; falta-lhe aproveitar a impulsão da perna direita e a semi rotação da bacía, que asseguram as indispensáveis condições de apoio à acção final da espádua e do braço.

Entre os consagrados, é digno de realce o salto em altura de 1,80 por João Durães, que fez toda a prova sem um derrube e deixou a impressão geral de que teria conseguido melhor se um incidente estranho ao certame lhe não tivesse cortado a concentração no momento crítico. Também é significativo o tempo de 1 m. 44 s. conseguido por António Calado nos 700 metros.

Para ser inteiramente justo, devíamos anotar os nomes de todos os concorrentes das duas equipas, tamanho o entusiasmo, tão agradável a camaradagem que empenharam na competição; mas o espaço está medido e limitamo-nos à citação global, porque queremos ainda pôr em realce o acolhimento amigável e entusiástico que os académicos dispensaram aos «leões». Há frases que passaram a lugares comuns pelo abuso delas feito, mas, neste caso, com inteira propriedade podemos afirmar que foi uma jornada de confraternização desportiva, a cimentar simpatias, a criar amizades que não podem esquecer.

Em plena festa do estudante, com Coimbra vibrando com a sua tradicional alegria moça e irrequietismo de espírito, os sportinguistas foram acolhidos, não como hóspedes, mas como camaradas cujo convívio rejúbila.

Sirva pelo contraste esta afirmação, para testemunho da vantagem em desenvolver o intercâmbio nos desportos imunes da paixão popular, que são os verdadeiros agentes de aproximação, de estima mútua e de paz entre os praticantes e dirigentes!

"TAÇA DE PORTUGAL"



A defesa do Unidos de Lisboa corta uma avançada bracarense



Um curioso salto, que Tanganho parece seguir com interesse...



O "team" do Sporting de Braga, com o conhecido Rui de Araújo



Um dos muitos "goals" sofridos pelo Sanjoanense no seu encontro com F. C. P.

OS CAMPEONATOS DE FUNDO DO NORTE EM REMO

As tripulações do Fluvial Portuense (1), campeão em «out-riggers» de 4, e do Sport Clube do Porto (2), campeão em «out-riggers» de 8



1



2



Nadadores que tomaram parte no torneio de "water-polo" do S. A. Dafundo



O Paço de Arcos, vencedor do Futebol Benfica



A chegada de João Miguel, do Benfica, vencedor do campeonato regional de fundo em estrada



Na 2.ª corrida, Ramos Dias vai triunfar uma vez mais

elo instantâneo colhido na prova "Zerai,, ganha por José Rita



A vitória de D. JOSÉ DE MELO E CASTRO O Campeonato de Lisboa

na «TAÇA COSTA DO SOL»

e a vitória do Belenenses

DOMINGO, 23 de Maio, às 15 horas da tarde, o «hall» do Casino do Estoril assemelhava-se a uma estufa! Os organizadores e alguns amáveis «auxiliares» procediam à elaboração das eliminatórias, que ficaram sendo três: duas de seis atiradores e uma de sete; a final seria disputada por três esgrimistas de cada uma das «poules».

Designaram-se cabeças de série, para aumentar as possibilidades justas de passagem. Mas, na nossa opinião, a segunda eliminatória era, a grande distância, a «mais pesada», não dando qualquer «chance» aos atiradores mais fracos: tinha sete jogadores, incluindo os que ficaram nos três primeiros lugares; em compensação, um dos «cabeças de série» da terceira eliminatória a mais fraca, não passou à final!

De maneira geral jogou-se muito melhor que na prova «apreciação» a que nos referimos no número anterior. Registámos novamente que da direcção da F. P. E. apenas assistiram à final o secretário-geral e um membro do Conselho Técnico, que dirigiu parte da prova mas a abandonou depois, devido ao incidente a que adiante nos referimos.

A prova foi ganha merecidamente por D. José de Melo e Castro, da Sala Carlos Gonçalves. Sobre este atirador mantemos tudo o que dissemos há uma semana. É um batalhador perigoso, que teve agora o prémio do seu trabalho. De estranhar a derrota que lhe infligiu na eliminatória o dr. Pimentel e o seu resultado com J. Rei. Na final apenas fracassou com J. Oom e Gouveia Franco, tendo-se salvo de perder com F. Pereira, por se ter avariado o fio de corpo deste ao dar o 3.º toque, derrota que o faria descer na classificação. No assalto de desempate bateu bem o seu adversário. Fez-nos, no entanto, impressão o aspecto de fadiga que este jogador apresenta depois de cada assalto.

O 2.º classificado, dr. J. Oom, jogou menos seguro que na prova anterior mas conquistou bem o seu lugar, tendo estado à beira do 1.º até sem «barrage». Na final foi apenas batido

PARA A HISTÓRIA...

(Conclusão da pág. 15)

apresentava — e que tinha passado a ser do domínio público, visto serem os próprios interessados que exibiam os passes oferecidos e se diziam sócios do Estoril Praia.

Ora como Azinhais não podia, por si só, fazer concessões de tal espécie, a direcção do Algués considerou que o alicenciamento fora feito de acordo com o Estoril Praia, pois só o beneplácito e a intervenção dos dirigentes destes podiam autorizar Azinhais dos Santos a fazer e a materializar as ofertas.

Daqui advieram, directamente, os motivos para o corte de relações. A direcção do Algués e Dafundo transmitiu à do Estoril Praia — dizem ainda os nossos informadores — o seu desgosto pela atitude da segunda, e, como orientadora de uma colectividade que sempre tem defendido o amadorismo, considerou que não devia manter as anteriores relações, muito menos quando se verificava não existirem nelas a camaradagem e a mútua colaboração indispensáveis ao desporto puro.

Até o momento em que escrevemos ignoramos que se tenha dado qualquer passo para modificar o aspecto da questão. Mantem-se, portanto, o corte de relações entre Sport Algués e Dafundo e o Grupo Desportivo Estoril Praia.

É lamentável — repetimos — sob todos os pontos de vista, particularmente se considerarmos que todos os esforços deviam aplicar-se com um único fim: o progresso da natção em Portugal!...

pelo dr. Arsénio Cordeiro e por Veiga Ventura, com quem fez um combate nulo. Não gostámos da forma como disputou o encontro de desempate com Melo e Castro; pareceu-nos que, depois do primeiro toque (um duplo) jogou vencido.

D. António de Almeida conquistou o terceiro lugar, mas afastado dos dois primeiros. O seu físico, conjugado com uma ponta sempre em movimento, tornaram-no um atirador forte; o seu péso, talvez, faz com que lhe falte a energia que seria necessária em alguns assaltos.

O 4.º lugar coube ao dr. Arsénio Cordeiro que não aparecia na prancha há perto de dois anos. Os seus encontros foram irregulares mas mostrou o estilo de sempre, passando bem a ponta e atirando ao braço com segurança. Gostaríamos de o ver em mais provas para ajuizarmos melhor da sua forma.

Carlos Dias apresentou-se muito melhor que nos jardins do A. C. P., mostrando ser ainda um atirador com quem se deve contar.

Fernando Pereira continua a manter-se, para nós, em forma superior à do ano passado; Veiga Ventura jogou bem e com cabeça, mas com pouca sorte, inclusive no assalto com J. Oom, que só trouxe benefícios a terceiros; Carlos Gouveia Franco, sempre correcto, tirou pouco rendimento do seu jogo, a não ser no assalto com Melo e Castro, a quem bateu com folga; Herbert Santos, um esquerdo, novo nos anos e na prancha, muito deve progredir quando cultivar um pouco a defensiva, visto que, por enquanto, só tem ataque.

Daquelles que não atingiram o último grau da prova destacaremos: Emilio Lino, que faz bom jogo mas pouco eficaz; dr. José Pablo, talvez jogando menos que no ano passado mas que poderia passar se não tivesse tido a infelicidade de cair na 2.ª eliminatória, o que lhe reduziu as possibilidades; António Bayard, que achamos mais forte este ano.

Cesário Pereira, do Ateneu, fez pouco para a sua categoria. Andrade Barreto, da M. P., «sabre» e floretista, apareceu-nos pela primeira vez em espada. É rápido e surpreende os «incautos», mas fraqueja desde que se espere pelas suas flechas, algumas perfeitamente a descoberto.

Luiz Beltrão jogou melhor do que noutras provas em que já o vimos, mas sossobrou deante da força dos adversários com que se encontrou.

O dr. Pimentel e J. Rei fizeram o que puderam... e foi alguma coisa; o primeiro bateu M. e Castro e o 2.º apresentou-se sem aquela rigidez com que disputou as 3.ªs categorias.

O barão de Friesen, que só temos visto no Estoril, continua a ser dos mais fracos atiradores que pisam as nossas pranchas.

Dirigiram os assaltos o antigo esgrimista olímpico Frederico Paredes, Manuel Pinheiro Chagas e, para acabar a final, o mestre M. Martins Correia. Parece-nos que nem todos eram conhecedores do regulamento, agora tão simplificado com o aparelho eléctrico. Estamos certos, porém, que procuraram ser justos e imparciais. No entanto, o critério variável, por distração ou opinião, como se resolveram certos casos, principalmente os toques coincidentes com a voz de «alto», deu lugar «a um grito de revolta» de alguns concorrentes.

Esse facto, que não defendemos mas que desculpamos, porque foi involuntário, fez com que o director do encontro abandonasse o seu lugar — e mantivesse a sua resolução, apesar de pedidos insistentes e de lhe terem apresentado desculpas o que provocaram o incidente. Se não concordamos com o attitude de protesto dos atiradores (mesmo quando nascidas de causas justas) também achamos que Frederico Paredes devia man-

PELA segunda vez, o Belenenses é campeão de Lisboa de «handball». Durante toda a prova os «azuis» mantiveram-se integrados no terceto principal — e no jogo derradeiro souberam impôr a sua vontade perante adversário difícil que da mesma forma esteve no torneio até ao último desafio.

Arredada a hipótese do Sporting, ficaram em campo dois grupos: Belenenses e Unidos. A indecisão pelo título persistiu até ao último jogo, transformando-o numa final autêntica. Foram os «azuis», como já dissemos, que «sprintaram» melhor nessa ponta final — e daí o poderem orgulhar-se de serem os actuais campeões, orgulho aliás justificado porque o seu grupo é, sem favor, o mais apetrechado de momento.

A equipa unidista alcançou a melhor classificação de sempre e o seu segundo lugar é aceitável. Podem os seus elementos invocar que, com mais alguma sorte, podiam ter subido um degrau. Mas o que é certo é que lhe fálhou o pé ao dar a última passada...

O terceiro lugar coube desta feita ao Sporting, campeão era destronado. Melhor classificação não podia esperar a equipa «leonina», em vista da irregularidade das suas exhibições.

É de esperar que os «leões» refundam o seu grupo de honra e apurem a sua actual toada, pois deviam ambicionar o regresso ao lugar que ocupavam de melhor equipa lisboense.

Segue-se, por ordem de classificação, o G. D. «Os Treze». Já frizámos nestas colunas que a ressurreição da equipa trezista admirou muita gente, em face da tão falada dissolução da colectividade. A final, o «onze» não só compareceu no campeonato, como ainda se guindou ao quarto lugar. Recordemos também que alguns dos resultados obtidos surpreenderam por inesperados, tendo a sua actualização influido na classificação do Sporting, quanto à primeira fase do torneio.

Ao Marvilense coube a quinta classificação. Equipa com pouco fundo, teve no seu comportamento o melhor prémio do seu labor.

Por último temos o Benfica.

Lembramo-nos que foi a «Stadium» a primeira publicação do país que anunciou o seu regresso ao «handball», por meio de uma entrevista que nos foi gentilmente concedida por Francisco Retorta. Nessa entrevista, vislumbrava-se um futuro mais auspicioso à secção «handballística» dos encarnados, que afinal fálhou.

Causas? Para que procurá-las? Lamentemos o facto e aguardemos que na futura época a enorme população do Benfica se encoraje e empurre os seus atletas a representar dignamente um clube de tão valorosas tradições.

Foquemos, de novo, um ponto — que fica bem a findar esta despretençiosa crónica.

O caso do Benfica é o caso do momento — a falta de interesse pela prática da modalidade. Os novos não vêm para o «handball» com a mesma satisfação com que abraçam outros desportos. Torna-se necessário criar «viveiros» de jogadores, organizando provas populares — e não só estas como torneios internos, entre sócios ou entre simpatizantes. Voltaremos brevemente ao assunto.

ÁLVARO GASPAR

ter-se no seu lugar até o fim e não abandonar à menor contrariedade. Com isto — ponto final, porque o assunto não merece que se perca tempo com ele.

Aguardemos o campeonato de Portugal, a disputar neste momento, para sabermos quais as conclusões tiradas destas provas pela F. P. E.

F. E. S.

Como habitualmente, damos conta, em pormenor, dos acontecimentos mais importantes da semana—que, por falta de espaço, não podemos tratar isoladamente—englobando-os na resenha seguinte:

BASKET-BALL — O Unidos perdeu com o Maria Pia, e, conseqüentemente, cedeu o primeiro lugar da classificação no campeonato de Lisboa ao Atlético, agora com probabilidades de continuar na posse do título.

ESGRIMA — Começou, no Automovel Clube, o campeonato nacional de espada, em que tomam parte 25 atiradores.

— Disputou-se o torneio de segundas categorias de espada, organização da F. P. E. Classificaram-se: 1.º, António de Oliveira, do G. C. P., 5-1; 2.º, Carlos G. Franco, da «M. P.», 5-1; 3.º, Carlos Cardoso, da «M. P.», 4-2; 4.º, Rui Santa Barbara, do A. C. L., 3-3; 5.º, Carlos Santos, do L. G. C., 2-4; 6.º, dr. José Pablo, do H. C. P., 1-5, 16 toques recebidos; 7.º, Antonio Bayard, do H. C. P., 1-5, 17 toques. O primeiro lugar teve de ser resolvido em assalto suplementar de «barrage».

GIMNASTICA — Realizaram-se saraus no G. D. Imprensa Nacional e no Desportivo dos Tabacos.

— Também o Ginnásio Clube Português promoveu ontem à noite, no Coliseu dos Recreios, o seu sarau anual, a que faremos pormenorizada referência no próximo número de «Stadium».

«HOCKEY» EM PATINS — O Paço de Arcos voltou a ganhar ao Futebol Benfica (por 3-0) podendo já contar com o título de campeão de Lisboa.

HIPISMO — Nas últimas corridas da «Reunião da Primavera — 1943» integradas nas «Jornadas de Propaganda Desportiva», os vencedores foram: «Boke», com José Rita; «Absténico», montado por Miranda Dias; «Decidido», com Guedes Campos; «Amok», com Adelino; e «Abstracto», com Miranda Dias.

— Pascoal Rodrigues obteve a terceira vitória portuguesa no Concurso Internacional de Madrid.

PEDESTRIANISMO — 12 atletas disputaram, de Queluz ao Campo Grande, o campeonato regional de fundo, em estrada. João Miguel (Benfica) percorreu os 30 quilómetros em 1 h. 44 m. 30 s. $\frac{8}{10}$, repetindo o triunfo alcançado em 1942, com o tempo de 1 h. 44 m. 49 s. — mais 18 s. $\frac{2}{10}$ que no ano passado. Manuel Dias — o «veterano» que prometeu abandonar, mas persiste em aparecer de vez em quando, dando assim um belo exemplo de longevidade desportiva — classificou-se 2.º, com 1 h. 51 m. 1 s. A seguir chegaram: Anacleto Gomes (Sporting), Artur Ferreira (Belenenses), Salvador Antunes (Atletico), Domingos Simões (Sporting), Guilherme Oliveira (Belenenses), Marcelino Pereira (Benfica) e Matos Henriques (Belenenses).

TÊNIS DE MESA — Tem decorrido com invulgar interesse o campeonato de Lisboa, equipas femininas, em que o Benfica, detentor do título, continua a marcar superioridade.

«VOLLEY-BALL» — Concluiu-se, com os melhores resultados, o torneio inter-sócios do Algés e Dafundo, iniciativa tendente a desenvolver o gosto por este desporto.

Maria Clara

A jovem actriz Maria Clara, a quem «Stadium» dedicou, em ocasião oportuna, uma reportagem das suas actividades desportivas e artísticas, despediu-se, no sábado, da carreira de amadora dramática. Por esse motivo representou-se, no palco do G. D. E., «Os Combatentes», a revista «Arco da Velha», de Clemente Pereira, em que Maria Clara teve, mais uma vez, acção notável. A «Stadium», representada nessa festa pelo nosso colaborador Fernando Sá, saúda a nável actriz e deseja-lhe, na carreira que escolheu, as maiores felicidades.

BOXING

A reunião do Estádio Mayer e as finais do «Torneio de Iniciação»

No Estádio Mayer — que passou, a partir de domingo, a «sala aberta» de fados, guitarradas e espanholismos... — houve mais uma sessão de «boxings»! E como a noite estava fria e ventosa e o programa não era realmente tentador, a sessão, claro está, não interessou.

Bastará dizer-se que o «match» de Isasti, um espanhol quarentão e acabado para estas andanças de dar e levar murros, com o jovem Correia, um novo que tem «aspecto» mas não percebe mesmo nada do ofício — foi, ainda assim, a melhor «coisinha» da noite! Os dois homens socorram-se valentemente, a ponto de se magoarem — e o público gostou francamente daquilo!

Os espanhóis Soria e Alpañez podiam ter dado bom espectáculo — mas o último apresentou-se em deficiente condição física e o combate, nessas circunstâncias, tinha de ser fraco, como foi.

De Velasco teve dificuldades diante de António Silva e acabou por perder. Mas o nulo estaria melhor — pois o recente vencedor de Raúl merecia-o, quanto mais não fosse porque é mais, muito mais, «boxeur».

Nesta sessão estreou-se um árbitro: Jordão França, irmão do antigo campeão dos «leves» Miguel França.

Apontem-se os resultados técnicos, para complemento destas ligeiras notas:

Diamantino Gama (72,400) v. António Figueiredo (78,100) por abandono ao 2.º «round»; António Correia (68,400) v. Pedro Isasti (67) por pontos; António Silva (63,100) v. De Velasco (62) por pontos; Luiz Soria (56,500) v. Alpañez (54,300) por desistência ao 5.º «round».

Os srs. Walter Pressler, Jordão França, Aluizio Falcão e Carlos Lopes dirigiram os combates.

* * *

No recinto do Lisgás disputaram-se as finais do «Torneio de Iniciação», iniciativa da A. P. Lisboa. Os resultados foram os seguintes: «Mínimos» — Manuel Martins (Lisgás) v. Costa Quaresma (Lisboa Ginnásio), pts. «Meios-leves» — Aníbal Secundino (Ginnásio) v. Raúl Barros (Lisgás), pts. «Meios-médios» — Sousa Vieira (Ginnásio) v. G. Pereira Cabral (L. G.), desistência ao 3.º «round». «Pesados» — F. Pereira Cabral (L. G.) v. Abluzo Ferreira Pinto (Ginnásio) pts. Foram declarados vencedores, sem competidores: Felipe Portugal (Lisgás), «levísimos»; José Ramos (Picheleira), «leves»; Henrique Santos (Esp. Pena), «médios»; e António A. Santos (L. G.), «meios-pesados».

CICLISMO

(Conclusão da pág. 9)

animador da prova, assim como a classificação de muitos outras estradistas e em especial a dos homens do Pôrto — que não traduz o seu real valor. A prova era de características especiais para as quais nem todos os corredores estavam apetrechados.

Mas isso será assunto de análise mais demorada...

Classificação: 1.º Lopes, 44 pontos; 2.º Raposo, 42, ambos da Iluminante; 3.º Lourenço, Sporting, 33; 4.º Rebelo, 26; 5.º Aristipês, 20; 6.º J. Ferreira, 6; 7.º Bartolomeu, 7; 8.º Jacinto, 1.

Não obtiveram pontos Aniceto, Carvalho Marques e Duarte Pereira. Desistiram por avaria Inácio e Albuquerque.

Por equipas triunfou o Iluminante, seguido do Sporting.

A ordem de classificação nos amadores foi: Rocha, Amando Monteiro, José Jacinto, Guilherme Jacinto, Ernesto Rodrigues e Júlio Mourão.

GIL MOREIRA

A 5.ª GRANDE SEMANA DE GIMNÁSTICA

O Ginnásio Clube Português, que ontem, no Coliseu dos Recreios, apresentou a suas classes num sarau interessante, promoveu mais uma organização de propagação da educação física: a 5.ª «Grande Semana de Gimnástica». E, como as anteriores, esta «Semana» foi excelente demonstração das actividades do clube, em confronto com as de outros concorrentes, em especial o Lisboa Ginnásio, a F. N. A. T. e o Sport Clube do Pôrto.

Houve quatro sessões—todas elas interessantes e com boas assistências. O público, mais uma vez, mostrou a sua predilecção por espectáculos deste género — não regeitando aplausos e comparecendo sempre em número elevado.

As exhibições das classes de gimnástica educativa do «velhos» instituto da rua Serpa Pinto — tanto as das senhoras como as dos homens e a infantil mista — conquistaram os maiores aplausos. Mas também foram muito apreciadas as classes do Campo de Ourique, F. N. A. T., Lisboa Ginnásio Clube e Patronato da Infancia, cada uma delas com demonstrações que provaram o seu aperfeiçoamento técnico e interessaram pela variedade dos esquemas apresentados.

Nos concursos de equilíbrio e de saltos salientaram-se as meninas Maria Angelina Guerra e Laura de Oliveira, o principiante Ernani Jardim e os seniores Severino de Melo, Adolfo Garcia e Cândido Mota, o último do S. C. do Pôrto.

Foram muitas as classes que estiveram em acção: muitas e todas elas exibindo-se com correcção e disciplina de movimentos. André Schwarz, João de Brito, Aníbal Ramos, cap. Luis Pimentel, ten. Herculano Cunha e Maria de Lourdes Tainha «esentiram» bem que o público lhes apreciara o trabalho desenvolvendo na preparação dos seus pupilos.

Uma referência para as senhoras do Ginnásio, para as meninas do Asilo Santa Catarina e para as raparigas da F. N. A. T. E também para Fernanda Pires, do Sport, que executou sózinha um esquema completo de gimnástica rítmica — merecendo os maiores aplausos da «Semana».

O BASKET-BALL

«príncipe» dos desportos

(Conclusão da pág. 12)

empapa as roupas em suor—fábricas autênticas de tantas doenças contraídas pela paixão do futebol. Mas os campos vão chegando para conter essa amálgama de entusiastas, essa coorte que se deixou prender pelo prazer de ver jogar o futebol.

E o «basket»? Sim, o «basket»? É uma loucura! Nos desafios importantes que reúnem nova e extraordinária multidão, os campos onde se pratica o «basket-ball» são insuficientes para conter a onda avassaladora dos admiradores da bola ao cesto...

Completamente cheios, de léis-als, de massa ululante, os terrenos do «basket» impressionam pela grandiosidade, afirmando o seu poder atraente e o interesse que o jogo despertou nos grandes centros, como a cidade do Pôrto.

O «basket-ball» tem já o seu público, aquele que é incapaz de dar um passo fora de casa ou do café para ver um jogo de futebol, aquele que não vibra com o Pôrto-Sporting ou um Pôrto Benfica em futebol, mas que é capaz de todos os sacrifícios para ver um Pôrto-Vasco da Gama, um Vasco-Académico ou um Vasco-qualquer coisa...

Por isso, porque dinamiza as multidões, a nenhuma outra modalidade pode caber com mais propriedade o título de «príncipe dos desportos».

E assim teremos um Rei — o futebol — e um príncipe — o «basket», nos desportos portugueses.

FLORIANO BASTO

Stadium



No «Crítério do Estoril» evidenciaram-se três homens que dentro de dias representarão o ciclismo português em terras de Espanha: Eduardo Lopes, vencedor da prova; Alberto Raposo, seu grande animador; e João Lourenço, o melhor homem do Sporting e o mais perigoso adversário dos primeiros classificados. Dêstes ciclistas, que vão ao país vizinho com o campeão João Rebelo, muito há a esperar para a velopedica nacional

BICICLETA



A DOS CAMPEÕES!